

Estamos no mesmo barco. E com enjôo.

ANOTAÇÕES SOBRE O RELATÓRIO DO IPCC

Editorial

“Eu me peguei dias atrás levando uma carta para o correio. Estava atrasado, e era urgente. Tirei minha Blazer de duas toneladas, mais os meus 90 quilos, para levar para o correio uma carta de 20 gramas. Isso é surrealista”, testemunha **Ladislau Dowbor** em entrevista concedida à **IHU On-Line** que, nesta semana, discute o relatório **Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas - IPCC**. O professor do PPG em Administração da PUC-SP afirma que “sabemos, pois os cálculos já foram feitos, que nós precisaríamos de quatro planetas para sustentar isso. O nosso modelo de consumo é simplesmente inviável. As montadoras de automóvel, as concessionárias, as autopeças, toda essa gente não está nem aí”. E exemplifica: “Para irmos de um lugar a outro, é preciso energia para transportar as duas toneladas do carro para uma pessoa que pesa só 70 quilos e a média da velocidade do trânsito em São Paulo é 14 quilômetros por hora. Na cidade de São Paulo há 6 milhões de automóveis e quase todos, hoje, andam em primeira e segunda marcha o tempo todo, revelando o gigantesco desperdício que estamos cometendo”.

Também contribuem nesta edição **Washington Novaes**, o grande jornalista que, incansável e pertinentemente, mantém acesa a discussão dos grandes temas ambientais na imprensa brasileira; **Adaldo Bianchini**, professor do Departamento de Ciências Fisiológicas da FURG; **Paulo Artaxo**, físico da USP; **José Goldemberg**, professor da USP; **Williams Pinto Marques Ferreira**, pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Milho e Sorgo; e **Fernando Antonio dos Santos Fernandez**, professor da UFRJ.

Rubens Ricupero, por sua vez, publicou no jornal **Folha de S. Paulo**, 15-04-2007, o instigante artigo “Uma injustiça do tamanho do mundo”, no qual comenta o impacto do relatório acima referido no continente africano. Contundente, ele afirma que “a agenda internacional é injusta, estúpida e ilegítima, pois privilegia o terrorismo, a proliferação de armas (apenas de alguns), o Iraque, o Irã, e relega a tratamento secundário à mãe de todas as ameaças, a que afeta o

planeta inteiro, até mesmo os ricos". E Ricupero cita Chesterton, que inspirou o título da matéria de capa desta edição.

A *IHU On-Line* viu o filme "The wind that shakes the barley" (Ventos da liberdade) de Ken Loach e, sem

titubeios, o escolhe como o *Filme da Semana*. É um filme que, certamente, estará na seleção dos dez melhores filmes do ano.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Leia nesta edição

PÁGINA 01 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 03 | Ladislau Dowbor: A lógica do sistema é simplesmente insustentável ambientalmente

PÁGINA 10 | Washington Novaes: Uma coisa é certa: a Terra continuará com o ser humano, ou sem ele.

PÁGINA 14 | Adalto Bianchini: "As mudanças climáticas globais mudarão a paisagem de vastas regiões"

PÁGINA 17 | Paulo Artaxo: "Não há culpados nem vilões"

PÁGINA 18 | José Goldemberg: "O biocombustível é a única solução para o problema de aquecimento global"

PÁGINA 20 | Williams Pinto Marques Ferreira: Além das mudanças climáticas

PÁGINA 24 | Fernando Antonio dos Santos Fernandez: A questão ambiental está além dos pandas e das baleias

B. Destaques da semana

» Artigo da Semana

PÁGINA 27 | Rubens Ricupero: Uma injustiça do tamanho do mundo. África é vítima de uma agressão global

» Livros da semana

PÁGINA 29 | Nos Passos de Hannah Arendt

» Teologia Pública

PÁGINA 32 | *Jesus de Nazaré* de Joseph Ratzinger - Bento XVI

» Filme da Semana

PÁGINA 37 | *Ventos da liberdade*

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 40 | Destaques On-Line

PÁGINA 43 | Frases da Semana

C. IHU em Revista

» EVENTOS

PÁGINA 46 | Agenda de Semana

PÁGINA 46 | Ricardo Timm de Souza: Nanotecnologia e filosofia

» **PERFIL POPULAR**

PÁGINA 49 | Guiomar Marilia Bittencourt dos Santos

» **IHU Repórter**

PÁGINA 52 | Jorge Geisler

“A lógica do sistema é simplesmente insustentável ambientalmente”

ENTREVISTA COM LADISLAU DOWBOR

Para o professor Ladislau Dowbor, do PPG em Administração da PUC-SP, “o drama é que nós não temos tanto tempo assim” para agir em benefício do Planeta. Em entrevista concedida por telefone para a redação da IHU On-Line, Ladislau faz uma análise da situação do Planeta a partir dos dados apontados pelo relatório do International Panel of Climate Change ou Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) que tratou do aquecimento global.

Formado em Economia Política pela Universidade de Lausanne, Suíça, e doutor em Ciências Econômicas pela Escola Central de Planejamento e Estatística de Varsóvia, Polônia (1976), Dowbor também faz consultoria para diversas agências das Nações Unidas, governos e municípios. É autor e co-autor de cerca de 40 livros, e de numerosos artigos. Destacamos o livro Formação do Terceiro Mundo (15. ed. São Paulo: Brasiliense). O professor tem um site pessoal, onde publica seus artigos. O endereço é <http://dowbor.org/>



IHU On-Line - Quais os principais pontos de convergência e divergência entre os cientistas sobre o aquecimento global?

Ladislau Dowbor - O principal ponto é que há pouquíssimas divergências. Uma das coisas impressionantes do Relatório do Painel

Intergovernamental, publicado em fevereiro¹, é que ele foi chamado o “relatório das certezas”. Foram deixadas de lado não as coisas sobre as quais há divergência, mas aquelas onde as certezas não são completas. Surgiram dúvidas apenas em relação a aspectos originados de pressões políticas. Temos, por exemplo, o grupo Exxon Mobil, que é produtor de petróleo, que tem financiado

pessoas das mais variadas áreas para tentar dar suficientes “mexidas” no ambiente, para causar a impressão de que ninguém tem certeza das coisas. Na realidade, a grande característica é a convergência. Existe um debate em curso referente à dimensão da participação humana nos processos de aquecimento global e qual é a parte das variações naturais, ligadas a ciclos solares. Esse é um argumento válido em termos científicos, mas em termos políticos é secundário. Mesmo que haja uma participação num processo natural de aquecimento, os impactos para a sociedade, para a agricultura, para a nossa vida vão ser iguais. Se a gente ainda, além de um processo natural, estiver aumentando as emissões do efeito estufa, as coisas só vão piorar. Hoje, no conjunto, estamos razoavelmente seguros do processo. Essa segurança está ligada à forma como olhamos para o futuro. Se começarmos a tomar medidas hoje, com mudanças corretivas climáticas, vamos ter que esperar algumas décadas até as coisas começarem a se reequilibrar. O que preocupa, basicamente, é o seguinte: não podemos esperar ter todas as certezas para começar a agir. Porque o ritmo de mudar os rumos é muito lento pela inércia dos processos planetários. Esperar que as catástrofes surjam de maneira generalizada para começar a tomar medidas é simplesmente irresponsável.

IHU On-Line - O que faria parte de um debate político sobre o caos ambiental?

Ladislau Dowbor - Está no centro, hoje, o problema das alternativas energéticas, que vem tanto pelo lado do impacto ambiental - emissões de gás, aquecimento global etc. - como pelo fato de que estamos liquidando a principal reserva de energia móvel do Planeta. Essa nossa pequena espaçonave Terra veio com reservas de combustível, que chamamos de petróleo. Levaram mais de 100 milhões de anos para se constituir e teremos

acabado com ela em 200 anos. A pressão nisso é muito forte e o mecanismo é simples. Tirar petróleo da Arábia Saudita custa dois dólares o barril. No mercado internacional, esse bruto vai se vender entre 60 e 70 dólares o barril. Os lucros das empresas que extraem o petróleo são tão gigantescos que ninguém consegue segurar a vontade delas de ganhar dinheiro. O ponto central é que elas não estão produzindo o petróleo, e sim apenas extraíndo reservas naturais que pertencem ao Planeta. Isso leva a uma reconsideração de como vemos os recursos naturais em geral. Lester Brown² caracteriza isso como o sistema natural de suporte da economia. Estão no centro a alternativa energética e o comportamento da sociedade em relação ao conjunto dos recursos naturais do Planeta, que as empresas exploram sem produzir, apenas extraem, como é o caso da destruição florestal, da destruição da vida marítima, da poluição das águas. Para as empresas, isso vem virtualmente ou quase de graça. Dá muito dinheiro. Há um imenso segmento da economia mundial que está baseado simplesmente em destruir as bases de sobrevivência do Planeta, sobretudo das gerações futuras. Nesse processo, há um estudo interessante do Banco Mundial, sobre o fato de que todo esse processo de globalização serve a, mais ou menos, um terço do Planeta. O relatório se chama “Os próximos 4 bilhões”³,

² Lester Brown (1934): Ambientalista, considerado o guru do movimento ambiental global, é fundador do Worldwatch Institute, do Earth Policy Institute e autor do livro *Eco-economia. Uma nova economia para a Terra*. Salvador: UMA, 2003. (Nota da IHU On-Line)

³ Segundo o estudo do Banco Mundial referido, quatro bilhões de pessoas ocupam a base da pirâmide de renda e consumo em todo o mundo. Intitulado “Os próximos 4 bilhões: o tamanho do mercado e estratégias de negócios na base da pirâmide”, o estudo defende que as empresas avancem sobre esse mercado, o que poderia ajudar inclusive no desenvolvimento das regiões. Entre os dados do estudo, o Banco Mundial diz que nos “mercados da base” mais da metade dos gastos com saúde é usado em compra de remédios. E que à medida que a renda cresce, o percentual de gastos com alimentação cai, enquanto os com transporte, telefone e internet disparam. (Nota da IHU On-Line)

¹ Sobre o tema, conferir sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). (Nota da IHU On-Line)

que foca os 4 bilhões de habitantes do Planeta que não estão sendo beneficiados pelo processo de globalização. Isso significa que a problemática do aquecimento global, do esgotamento dos recursos naturais, e a problemática da desigualdade, do não acesso a bens e direitos básicos, convergem e geram o que está na mesa em termos políticos. Temos que produzir outras coisas, produzir de outras maneiras, e administrar esse processo de forma inovadora.

IHU On-Line - Qual a alternativa para que o poder e os interesses econômicos não prevaleçam sobre as questões ambientais?

Ladislau Dowbor - O motor desse processo de ruptura de equilíbrios planetários são hoje as grandes corporações. Hoje elas têm produtos internos empresariais. O PIB empresarial equivale ao PIB de muitas nações. As empresas têm gigantescos recursos financeiros e mobilizam os recursos naturais a nível globalizado, contando que não há governo mundial. Então, por exemplo, se temos empresas que geram determinado caos num país, é natural que o governo tome medidas. Na esfera das empresas transnacionais, como não há governo mundial, faz-se o que se quer. Cortam-se as florestas nos países de governos mais fracos, consegue-se, via corrupção, outros métodos de exploração de recursos naturais. É preciso ver também que essa massa dos 4 bilhões do “andar de baixo” da economia mundial, as pessoas mais pobres, têm uma voz muito fraca no Planeta. Por exemplo, sabemos que a pesca industrial oceânica está destruindo as reservas de vida dos mares e a principal base de vida do Planeta. Isso está impactando cerca de trezentos milhões de pessoas no mundo, que vivem diretamente de pesca artesanal, buscando suas proteínas nas costas marítimas. A cada dia, sentimos isso nas costas brasileiras, inclusive, porque há menos peixes. E não há como gritar. Afinal, se grita com quem? São empresas que dizem “esse é um espaço internacional, as águas são internacionais, trata-

se de uma economia de mercado, e estamos legitimamente pescando o que queremos”. A relação de poder é central porque temos uma economia que se globalizou enquanto que os controles políticos da economia, a chamada política econômica, continuam fragmentados em cerca de 200 países. Não se consegue montar um sistema de controle. Algumas das áreas mais destrutivas são claramente da área do banditismo. Temos cerca de 65 paraísos fiscais, que essas empresas usam para evadir impostos, para lavar dinheiro de droga. A África está inundada por armas de pequeno porte, que são vendidas para diversos grupos políticos. Ninguém controla o comércio mundial de armas. Depois são investidos gigantescos recursos para controlar o terrorismo. São claros sinais de um processo econômico que está globalizado, e não temos os sistemas de controle correspondentes. Formas de governança planetária estão na ordem do dia.

IHU On-Line - Tudo bem que vivemos na cultura capitalista, mas não podemos vislumbrar a possibilidade da preocupação ambiental ser maior do que a preocupação econômica gananciosa? Até por uma questão de sobrevivência...

Ladislau Dowbor - A preocupação está surgindo sob forma basicamente de conscientização, de uma maneira cada vez mais generalizada no Planeta. Isso é importante. Tanto assim que, sentindo a pressão, muitas empresas hoje estão se declarando a favor de responsabilidade social e ambiental. Por exemplo, vejamos a força do Instituto Ethos¹, que tenta agrupar as

¹ O Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social é uma organização não-governamental criada com a missão de mobilizar, sensibilizar e ajudar as empresas a gerir seus negócios de forma socialmente responsável, tornando-as parceiras na construção de uma sociedade sustentável e justa. Seus 1149 associados - empresas de diferentes setores e portes - têm faturamento anual correspondente a aproximadamente 35% do PIB brasileiro e empregam cerca de 2 milhões de pessoas, tendo como característica principal o interesse em

empresas que tentam uma certa responsabilidade. Surgem movimentos como o Ethical Market Place, nos Estados Unidos, e no Brasil já surgiu também um com o nome de Mercado Ético (mercadoetico.com.br, inspirado por Hazel Henderson). Temos todo o trabalho das Nações Unidas, a imensa importância que foi a Eco 92, no Rio de Janeiro. Enfim, o progresso da tomada de consciência é cada vez maior. Mas quando olhamos a força da principal base de poder político do País, que é o governo Bush, cercado por grandes grupos de empresas de petróleo e grandes grupos que estão ligados ao governo norte-americano, vemos que temos uma longa briga pela frente. Há esperança pelo trabalho das ONG's, pelas empresas que estão se dando conta da responsabilidade social e ambiental, há esperança quando algumas mídias, nesse caso mais raras, começam a efetivamente divulgar o problema. Mas é um processo longo. A janela de tomada de consciência avança mais lentamente do que a proximidade da vulnerabilidade. O drama é esse: nós não temos tanto tempo assim.

IHU On-Line - Em que medida uma mudança do padrão energético mundial poderá ajudar no controle do aquecimento global? Essa ajuda viria em curto, médio ou longo prazo?

Ladislau Dowbor - Se nos colocarmos na frente da televisão para registrar diversos programas, vamos encontrar dezenas de mensagens publicitárias: que é preciso comprar um carro mais potente, com mais cilindradas. Nós continuamos a empurrar uma coisa que sabemos ser simplesmente irreal. Peguemos como exemplo a cidade de São Paulo. Hoje estamos utilizando carros individualmente. Para irmos de um lugar a outro, é preciso energia para transportar as duas toneladas do carro para uma pessoa que pesa só 70 quilos e a média

estabelecer padrões éticos de relacionamento com funcionários, clientes, fornecedores, comunidade, acionistas, poder público e com o meio ambiente. (Nota da *IHU On-Line*)

da velocidade do trânsito em São Paulo é 14 quilômetros por hora. Na cidade de São Paulo há 6 milhões de automóveis e quase todos, hoje, andam em primeira e segunda marcha o tempo todo, revelando o gigantesco desperdício que estamos cometendo. Há cidades que optaram pelo transporte público. Temos iniciativas muito interessantes. Por exemplo, em Barcelona, foram inaugurados, neste mês, 100 estacionamentos de bicicletas públicas. Em toda a cidade, em qualquer lugar, as pessoas estão a uma distância a pé de pegar uma bicicleta. A pessoa pega um cartão, paga um dinheiro pequeno, se identifica, e é liberada a bicicleta. Ela vai onde quer e larga a bicicleta em outro estacionamento; tranca e outra pessoa pode pegar. É uma coisa pequena, mas na realidade envolve a mudança do estilo de todos nós. Eu me peguei dias atrás levando uma carta para o correio. Estava atrasado, e era urgente. Tirei minha Blazer de duas toneladas, mais os meus 90 quilos, para levar para o correio uma carta de 20 gramas. Isso é surrealista. Sabemos, pois os cálculos já foram feitos, que nós precisaríamos de quatro planetas para sustentar isso. O nosso modelo de consumo é simplesmente inviável. As montadoras de automóvel, as concessionárias, as autopeças, toda essa gente não está nem aí. Enquanto não houver uma regulamentação rigorosa sobre esses processos, a tendência é a pessoa simplesmente comprar o carro quando seus recursos o permitem. Estou pegando o exemplo do carro porque é óbvio, e é imensamente absurdo. Mas podemos pegar outras coisas. Eu tenho problemas a cada vez que compro algo numa loja. Compro um produto que já vem embrulhado num plástico, esse plástico está dentro de uma caixinha, daí a moça me dá uma sacolinha, e quer que eu leve isso dentro da sacola da loja para mostrar aos outros onde eu comprei. Há países onde quando se entrega uma geladeira numa casa a empresa é obrigada a retirar a embalagem e usá-la de novo em outras entregas, ao invés de guardarmos em nossa casa, para

depois jogá-la na rua e haver ainda o custo de o lixeiro levá-la. É só a gente parar para pensar. Estamos com um modelo, que a publicidade e as novelas nos empurram, de sermos consumidores frenéticos. E nos dizem que isso é bom para o PIB. Na realidade, isso é de uma demagogia profunda. O cálculo que fazemos nas cidades é que nós jogamos fora, por dia, meio quilo de embalagens por pessoa. Tudo isso é custo de produção. É petróleo, são as florestas que produzem papel. Tudo isso jogado fora, desperdiçado de maneira surrealista. Outro exemplo: o japonês gosta de barbatana de tubarão. Grandes empresas de pesca caçam os tubarões, sendo que no ano de 2005 foram mortos 93 milhões de tubarões. Eles cortam as barbatanas e jogam o resto fora. O drama não é só fazer essa burrice. Isso se ensina nas escolas de administração: "você otimiza a sua viagem, o diesel do barco de pesca, se você pega só as coisas que vão render mais". A lógica do sistema é simplesmente insustentável. Constatamos que estamos chegando ao limite do caos onde a busca de lucro por corporações, por grupos privados, gera o caos para o resto do Planeta.

IHU On-Line - Em que alternativas podemos pensar quando falamos de mudança de padrão energético?

Ladislau Dowbor - Os estudos estão avançando bem. O problema é que a indústria não está interessada, não acompanhando esses processos. A energia geotérmica tem um gigantesco potencial. Cada vez que se aprofunda na Terra aumenta a temperatura, e se pode usar essas diferenças de temperatura para gerar energia. Temos a energia solar, a energia eólica, e a produção de células fotovoltaicas começa a ser perfeitamente viável. E estão surgindo com muita força tanto a expansão do etanol e do biodiesel, como a transformação energética a partir da celulose, que permitirá utilizar todos os subprodutos dos vegetais. Há países que estão investindo na energia nuclear, em meio ao debate que vivenciamos. om. Hoje as alternativas estão razoavelmente bem mapeadas. Só que não enchem os bolsos como o petróleo. Esse é o lado

da mudança das fontes de energia. Do lado do consumo de energia, há imensos ganhos. Quando aconteceu o choque do petróleo, ainda nos anos 1970, em que ele aumentou brutalmente de preço, os americanos fizeram uma campanha gigantesca de redução do consumo de aquecimento doméstico, que é uma grande absorção de energia nos Estados Unidos durante o inverno. Descobriram que com coisas simples, como pôr janelas duplas, com vácuo, é possível mudar radicalmente. E realmente conseguiram reduzir drasticamente o consumo de energia no país. Mas isso envolve uma mudança de cultura da população, e essa cultura envolve a participação dos meios de comunicação. O principal controlador de mídia no mundo, que é o Murdoch¹, e tem a Fox e outros canais que controlam grande parte da mídia mundial, estão com toda a força do lado da expansão do consumo, porque daí todo mundo fica mais rico. Esse é o discurso. O peso da mídia, sua democratização, o acesso a essas informações, está se tornando crucial para poder mudar a cultura ambiental no Planeta.

O erro do cálculo do PIB

Outro ponto importante é que temos que mudar o cálculo do PIB. Até hoje, se aumentarmos a produção de petróleo, isso aumenta nosso PIB. O Banco Mundial começou a mudar esse cálculo. Ele diz que tirar o petróleo da terra não é produto, é descapitalização.

¹ Keith Rupert Murdoch (Melbourne, 11 de março de 1931) é um empresário australiano radicado nos Estados Unidos (Nova Iorque). É o presidente e diretor-geral da News Corporation, empresa herdada de seu pai e da qual é importante acionista. À época, era apenas uma empresa medíocre, controladora de um jornal australiano, sem muito renome. Mas com a administração inteligente e ambiciosa de Murdoch, e uma série de aquisições bem sucedidas, ele conseguiu transformá-la em um dos maiores conglomerados de mídia do mundo. Tornando-a controladora de grandes empresas, tais como: Os estúdios de cinema e os canais de TV paga, FOX, as operadoras de TV por assinatura SKY e DirecTV (incorporada no final de 2003 pela News), O site de relacionamentos My Space, O Jornal "New York Post", dentre outros.

Estamos vendendo os móveis da casa. Abater florestas também já não é considerado (como calculamos no Brasil hoje) aumento do PIB e sim descapitalização. É destruição de um capital natural que não estará disponível para gerações futuras. Essas são mudanças da forma de cálculo do produto, o que é essencial.

IHU On-Line - Que relação podemos estabelecer entre modelos alternativos de energia, modelos alternativos de produção e padrões alternativos de consumo? Que modelo de produção e de organização social deveria emergir da crise anunciada pelas prováveis alterações climáticas em escala planetária?

Ladislau Dowbor - De um lado, temos um conjunto de novas metodologias de cálculo. O cálculo do PIB é, em termos metodológicos, simplesmente errado. Temos indicadores de progresso genuíno, em que descontamos o que estamos descapitalizando do Planeta. As diversas metodologias de cálculo que estão surgindo estão resumidas num livrinho muito bom que se chama *Os novos indicadores de riqueza*, de Jean Gadrey¹. Temos que passar a contabilizar corretamente. Imagine que, na nossa casa, calculemos nossos gastos, as nossas entradas, o salário, mas estamos vendendo os móveis e esquecemos de calcular isso. Estamos, com isso, reduzindo o capital. Então temos que fazer outro tipo de cálculo. No conjunto, precisamos equilibrar nesse processo três elementos desse cálculo do aquecimento global: 1) energia, a sua forma de produção e seus volumes e formas de consumo; 2) a produção de alimentos, porque não podemos desenvolver ou sustentar artificialmente a produção de automóveis no mercado à custa da produção e do equilíbrio alimentar do Planeta, que já é muito crítico; e 3) o nível das emissões. Esse processo precisa ser sustentável no longo prazo. Cada

país terá de buscar os processos correspondentes. Por exemplo, a Coréia do Sul fez com o trabalho voluntário um gigantesco processo de reflorestamento do País. Há países que estão cobrando taxas muito mais elevadas às pessoas que usam carros em centros urbanos, que é o caso de Singapura, onde as pessoas passam a preferir o transporte coletivo, que é muito mais econômico.

Quando olhamos as diferentes iniciativas, vemos que está todo mundo buscando alternativas para uma consciência vaga e difusa, à medida que estamos indo lentamente para um desastre. Os americanos têm uma fórmula "simpática" que se chama "slow motion catastrophe". Estamos vivendo uma catástrofe em câmera lenta.

IHU On-Line - O senhor insiste num aproveitamento da mão-de-obra excedente. No caso brasileiro, de que forma essa mão-de-obra poderia ser aproveitada na elaboração de um plano de produção energética e de alimentos num mesmo espaço integrado, de forma a associar a agricultura alimentar com a produção energética?

Ladislau Dowbor - Para já, nós temos 20 milhões de pessoas, como ordem de grandeza, ocupadas na agricultura. É muita gente. Nós temos hoje a maior reserva de terra, de solo agrícola, parada do Planeta. Nós temos um clima excelente. Nós não temos, como na Rússia, sete meses por ano de solo congelado. Nós somos um dos países mais bem dotados em água do Planeta. Frente a isso e frente à demanda crescente de cereais no Planeta e à nova pressão de uso de produtos agrícolas na parte energética, substituindo o petróleo, o Brasil tem cartas extremamente fortes na mão. Vai depender de como ele passa a utilizá-las. Existe pressão dos grandes grupos, tanto nacionais - como os grandes produtores de soja, as tradicionais agroexportadoras -, como os gigantes do comércio de grãos, que estão interessados simplesmente em utilizar o Brasil como um espaço físico para expandir a produção para alimentar os automóveis.

¹ GADREY, Jean. *Os novos indicadores de riqueza* (tradução de "Les nouveaux indicateurs de richesse"). São Paulo: Editora Senac, 2006.
(Nota da IHU On-Line)

A alternativa para mais um ciclo agroexportador, com todos os desastres, tanto ambientais como sociais, será dinamizar o conjunto da base de pequenos e médios produtores do Brasil, associando com uma produção energética, mas com o que se chama de cultivos associados. É feita a agroexportação e é realizado, no meio desse processo, em rodízio, um conjunto de produtos alimentares. Com isso, se tira esses agricultores da miséria, indo-se muito além da dinâmica já positiva que tem hoje o Pronaf¹ e se organiza uma base agrícola diversificada. Essa é a grande oportunidade sobre a qual estamos trabalhando. A negociação internacional vai depender da capacidade do Brasil de entender a carta que tem.

IHU On-Line - Quais os maiores riscos do uso energético da agricultura?

¹ Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar): O Pronaf é um Programa de apoio ao desenvolvimento rural, a partir do fortalecimento da agricultura familiar como segmento gerador de postos de trabalho e renda. O Programa é executado de forma descentralizada e tem como protagonistas os agricultores familiares e suas organizações. (Nota da IHU On-Line)

Ladislau Dowbor - Isso envolve consequências das relações de poder. O mundo produz hoje mais de um quilo de cereal por dia, por habitante. Comer um quilo de arroz por dia é muita coisa. Não há insuficiência de produção de alimentos. O que há é o mau uso desses alimentos e má distribuição. Disso resulta o fato de que temos hoje cerca de 1 bilhão de pessoas desnutridas no Planeta. A grande preocupação é a seguinte: quem conseguirá falar mais alto? As pessoas que têm fome ou os proprietários de automóveis que querem continuar a ajudá-lo de maneira que desperdice energia? A problemática ambiental precisa ser vista conjugada com outro grande drama planetário, que é a desigualdade. Só venceremos o desafio resgatando a inclusão da base, do conjunto dos excluídos do Planeta, ou dos excluídos do Brasil, no nosso caso, cruzando isso com o desenvolvimento da agricultura familiar, a associação da agricultura energética com a agricultura alimentar, num processo equilibrado e de distribuição equilibrada dos resultados.

“Uma coisa é certa: a Terra continuará com o ser humano, ou sem ele”

ENTREVISTA COM WASHINGTON NOVAES

“Estamos numa crise de padrão civilizatório. Temos de mudar nossos modos de viver. Eles não são compatíveis com as possibilidades do Planeta, que é finito”, afirma o jornalista Washington Novaes, especializado nas questões ambientais. E completa: “A Terra tem limite”. A constatação foi feita em entrevista concedida por telefone para a redação da revista IHU On-Line na última semana, na qual ele reflete sobre a crise ambiental da Terra a partir dos dados apresentados no relatório do IPCC lançado em fevereiro desde ano.

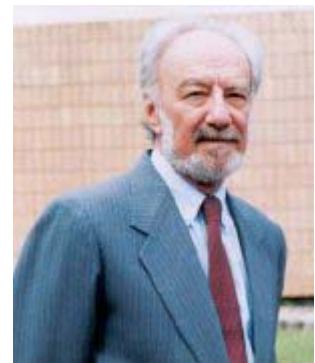
Bacharel em Direito e jornalista há mais de 45 anos, Novaes já foi repórter, editor, diretor e colunista em várias das principais publicações brasileiras. Ganhou diversos prêmios, entre outros, O Prêmio de Jornalismo Rei de Espanha, o troféu Golfinho de Ouro e o Prêmio Esso Especial de Meio Ambiente. Também foi consultor do primeiro relatório nacional sobre biodiversidade. Participou das discussões para a Agenda 21 brasileira. Atualmente, é colunista dos jornais O Estado de São Paulo e O Popular, de Goiânia. Entre suas publicações destacam-se A década do impasse: da Rio-92 à Rio + 10 (São Paulo: Estação Liberdade, 2002) e Xingu: Uma flecha no coração (São Paulo: Brasiliense, 1985).

Washington Novaes já concedeu diversas entrevistas para a IHU On-Line. A mais recente foi publicada no dia 11 de janeiro de 2007 no sítio do IHU.

IHU On-Line - Quem são os reais culpados por esta mudança climática?

Washington Novaes - As mudanças climáticas se devem fundamentalmente à acumulação de gases na atmosfera, que intensificam o efeito estufa, e provocam o aquecimento da Terra. Nas últimas décadas, a temperatura da Terra aumentou quase 0,8°C. Isso tem várias consequências muito graves. A previsão do IPCC é de que se as emissões continuarem no ritmo em que elas vão, ao longo deste século nós teremos um aumento de temperatura entre 1,8 e 4,5°C, com probabilidade de ficar entre 2 e 3,5°C. Isso terá consequências muito fortes na intensificação de secas, de inundações, de

furanços e de elevação do nível do mar. Isso é o que o último relatório do IPCC diz, de certa forma reiterando o que ele vem alertando desde 1988. A diferença agora é que só entraram no relatório afirmações que tem praticamente o consenso de todos os mais de 2 mil cientistas que participam da elaboração desse relatório. E que afirmam que o que o relatório diz tem mais de 90% de probabilidade de acontecer. Essa é a diferença do relatório em relação aos relatórios anteriores. Tanto que não foram incluídas ainda no relatório questões como o derretimento de gelos polares e dos gelos da Groenlândia, principalmente, porque ainda há algumas divergências entre os cientistas quanto à extensão desse



problema. Mas eles estão acontecendo e provavelmente vão entrar em um relatório do grupo 2 de trabalho do IPCC, que deve sair agora em abril e que provavelmente vai causar nova agitação, como causou esse de fevereiro.

IHU On-Line - O que politicamente e economicamente está envolvido neste relatório?

Washington Novaes - Praticamente junto com o relatório do IPCC, saiu um outro relatório coordenado pelo ex-economista chefe do Banco Mundial, Sr. Nicholas Stern. Esse relatório diz que as mudanças já estão acontecendo e que se não forem enfrentadas com muita decisão e muita urgência nós poderemos ter uma recessão econômica maior do que a recessão do início da década de 1930, que poderá implicar uma redução do produto bruto mundial em até 20%. Nós só temos uma década para enfrentar essas questões. Mas, para isso, será preciso aplicar, a cada ano, em torno de 1% do produto bruto mundial. Isso significaria uns 400 bilhões de dólares por ano. Ou, então, as consequências serão aquelas indesejáveis.

IHU On-Line - Mas temos como conciliar crescimento econômico com desenvolvimento sustentável?

Washington Novaes - Depende do formato de crescimento. Com um crescimento descuidado, que não leve em conta essas questões, certamente não é possível conciliar. Há algum tempo, Edward Wilson¹, que é considerado o “papa” da biodiversidade, fez o seguinte cálculo: vamos admitir que o crescimento econômico seja a solução para o mundo e que esse crescimento seja de 3,5% ao ano, que é relativamente modesto, porque se pede de 7 a 10%, como a China. O produto bruto mundial hoje é da ordem de 40 trilhões de dólares anuais. Se ele

crescer 3,5% ao ano, diz Edward Wilson, nós chegaremos, até o fim desta década, com um produto bruto mundial de 158 trilhões de dólares. Só que isso não é possível. Não há recursos e serviços naturais capazes de suportar esse crescimento. Então, é preciso repensar os formatos de desenvolvimento. Não podemos pensar em pura e simplesmente crescer o produto bruto, da forma como nós estamos fazendo, com o consumo de recursos que, segundo o relatório Planeta Vivo 2006, que é do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente e do WWF, já está 25% além da capacidade de reposição da biosfera terrestre. Ele é insustentável. Não há como sustentar um crescimento nesse formato. É preciso pensar em formatos de desenvolvimento que economizem recursos, que os reutilizem e que mudem os formatos existentes.

IHU On-Line - Um cientista chamado Tad Murty disse que a ação humana não tem qualquer relação com a mudança climática. O que o senhor pensa disso?

Washington Novaes - Não é exatamente isso que ele disse. O que ele disse é que uma grande parte do aquecimento se deve à ação do sol. Mas, nisso, ele é uma minoria insignificante. Porque no painel estão mais de 2 mil cientistas do mundo inteiro que foram unânimes no que está dito ali, que mesmo que haja alguma influência do sol no aquecimento, não se descarta a colaboração humana para isso. O acúmulo de gases na atmosfera aumentou de 280 partes por milhão, antes da revolução industrial, para perto de 390. Isso certamente tem um efeito grande no aquecimento da Terra.

IHU On-Line - O senhor acredita que o controle de natalidade possa ser uma solução?

Washington Novaes - A curto prazo ele não muda nada. Nós já temos na Terra cerca de 6 bilhões e meio de pessoas. A taxa de crescimento populacional está hoje praticamente zerada. Ela diminuiu muito no mundo

¹ Edward Wilson é um dos maiores naturalistas vivos (1929), associando uma obra científica de excepcional qualidade com uma faceta de divulgação ao grande público que já lhe valeu dois prêmios Pulitzer. (Nota da IHU On-Line)



inteiro e está próxima da taxa de reposição. O que acontece é que, por efeito do forte crescimento que houve, principalmente nas décadas de 1960, 1970 e 1980, hoje há um número muito grande de mulheres em idade fértil. Então, a previsão mais otimista dos demógrafos da ONU é de que se chegue a 2050 com 8 bilhões e meio de pessoas ou até 9 bilhões e meio. Isso, no curto e no médio prazo, não terá grande influência. No entanto, se for reduzida a população da Terra, certamente o consumo de recursos diminuirá, mas isso pode ser feito também por outros caminhos, não necessariamente só por meio do controle de natalidade.

IHU On-Line - Que caminhos seriam esses?

Washington Novaes - Os caminhos são modelos de desenvolvimento que pouparam recursos. Por exemplo, nós podemos mudar as matrizes energéticas. Hoje, a matriz energética do mundo depende 80% do petróleo, do gás e do carvão mineral, que são altamente poluidores. É possível mudar essa matriz para formatos que deixem de emitir esses gases para a atmosfera ou que os reduzam substancialmente. O que os especialistas recomendam é que haja uma redução de, pelo menos, 50% nas emissões que temos hoje. E o que está previsto, ao contrário, é que elas aumentem 50% nas próximas décadas. É possível pensar em modelos de crescimento que pouparam recursos, que reduzem o desperdício. Recentemente saiu um estudo mostrando, por exemplo, que nos EUA de todos os recursos naturais que são utilizados na transformação industrial seis meses depois só 1% deles ainda continua sendo utilizado. É uma vida muito curta. Nós estamos jogando tudo fora. Estamos descartando um milhão de sacos plásticos por minuto. Isso é uma barbaridade! Estamos desperdiçando tudo, até o lixo tecnológico. Na Europa são 14 quilos por pessoa, por ano. A quantidade de lixo que nós produzimos no Brasil é uma barbaridade. Temos que mudar nossos modelos de crescimento. Não precisa ser, necessariamente, um crescimento econômico que implique maior consumo de

recursos naturais. Porque isso é insustentável. Recentemente, também saiu um estudo da Organização para Alimentação e Agricultura, da ONU, a FAO, que se chama "La sombra Alongada de La Ganaderia", ou seja, a sombra alongada das culturas de carne, que mostra que é absolutamente insustentável essa situação. Ela tem um efeito ambiental terrível, e é preciso reduzir a metade do impacto, conforme relata esse estudo da ONU. O que está previsto é que sobre esse impacto até 2020. Tudo isso precisa ser repensado, mudado.

IHU On-Line - O que cada um pode fazer a partir dessas informações?

Washington Novaes - Pode consumir menos energia, menos recursos, pode deixar de usar sacos plásticos, pode produzir menos lixo, pode usar produtos que não exijam muito da biosfera terrestre. Pode economizar com seu carro, manter o carro regulado ou preferir um transporte coletivo, andar de bicicleta, ou andar a pé. São muitos caminhos pelos quais cada um pode contribuir.

IHU On-Line - O senhor concorda que a questão ambiental não entrou na agenda deste governo?

Washington Novaes - Eu acho que ela não é prioritária. A ministra, Marina da Silva, do meio ambiente falou muito em transversalidade, ao se referir ao fato de a questão ambiental permeiar todas as áreas do governo. Mas isso não aconteceu. As outras áreas não tomaram conhecimento disso. A ministra foi derrotada na questão dos transgênicos, no Congresso, numa ação comandada pela própria Casa Civil da Presidência da República e pelo partido dela, o PT. Ela foi derrotada na questão de importar pneus usados do Uruguai, foi derrotada na questão de exportar álcool para outros países para reduzir a poluição deles e reduzir a proporção de álcool na gasolina aqui, aumentando a poluição aqui. E agora na questão desse plano de aceleração do crescimento que

vai ambientalmente na direção oposta que ele deveria ir. Por exemplo, prevê a construção dessas megahidroelétricas. Há um estudo da Unicamp, recente, que mostra que podemos economizar, pelo menos, 30% da energia que estamos consumindo. Se fizermos repotenciação de usinas que já estão com seu prazo vencido, ganhamos mais 10%, mas não se toma conhecimento disso. Não há um plano de eficiência energética nem sequer se discute a matriz energética com a sociedade. É a cultura da megaobra, e a convicção de que isso leva a um crescimento do produto interno bruto. Isso sempre faz lembrar muito o professor José Lutzemberger¹, que dizia que não há nada melhor para o crescimento do PIB do que um terremoto, porque a destruição não é contabilizada e a reconstrução faz aumentar o PIB. Então, é um crescimento que não considera limites. O Kofi Annan², que até poucas semanas atrás era o secretário geral da ONU, cansou-se de dizer que hoje o problema fundamental da humanidade não está no terrorismo, como parece. Está nas mudanças climáticas e nos padrões insustentáveis de produção e consumo, que já estão 25% além da capacidade de reposição da biosfera terrestre. Essas são as questões reais que ameaçam a própria sobrevivência da humanidade.

IHU On-Line - Alguma vez a questão ambiental entrou na agenda de algum governo? Ela foi prioridade?

Washington Novaes - Em países bem pequenos. Por exemplo, o Butão, na Ásia, faz o que ele chama de o cálculo do PIB verde. Tudo o que é perda de recurso é

¹ José Lutzenberger (1926 - 2002) foi um agrônomo brasileiro e um combatente na luta pela conservação e preservação ambiental. Foi secretário-especial do Meio Ambiente da Presidência da República de 1990 a 1992. (Nota da IHU On-Line)

² Kofi Annan (1938) é um diplomata de Gana. Foi, entre 1º de janeiro de 1997 e 1º de janeiro de 2007, o sétimo secretário-geral da Organização das Nações Unidas, tendo sido laureado com o Prêmio Nobel da Paz em 2001. (Nota da IHU On-Line)

contabilizado diminuindo o PIB. Aqui não acontece isso. Os serviços e recursos naturais não entram na contabilidade. Há alguns anos, um grupo na Universidade da Califórnia, coordenado por um economista argentino chamado Robert Constanza, fez um estudo propondo que os recursos e serviços que a natureza proporciona tivessem o seu valor contabilizado a partir do seguinte cálculo: quanto custaria substituir a fertilidade natural do solo por insumos químicos? E quanto custaria substituir os serviços prestados gratuitamente pelos recursos hídricos, ou pelo equilíbrio do clima proporcionado pela vegetação? Chegou-se à conclusão de que os recursos e serviços naturais teriam um valor até três vezes maior que o produto bruto mundial. Só que isso não é contabilizado. Os recursos e serviços naturais não têm um valor econômico. Só contabilizamos o que esgota esses recursos.

IHU On-Line - O ser humano é uma espécie letal?

Washington Novaes - Não sei se é letal, mas ele está se metendo em altas enrascadas. E terá que lutar muito para que elas não tragam situações ainda mais insustentáveis. Já estamos em uma situação muito difícil, e vamos ter que trabalhar muito para impedir que as mudanças climáticas sejam ainda mais graves, para nos adaptarmos às mudanças que já estão ocorrendo, para construir sistemas de defesa que precisam ser construídos, para mudar nossos padrões de consumo. Tudo isso nós já vamos precisar fazer. E se o ser humano não for capaz, ele vai sofrer muito. Não sei se ele vai ser extinto um dia, ou não. Não tem como prever isso. Uma coisa é certa: a Terra continuará com o ser humano, ou sem ele. Nós não somos a única possibilidade de existência na Terra. Ao contrário. É preciso que tenhamos consciência disso e mudemos a nossa maneira de viver. Estamos numa crise de padrão civilizatório, por isso é necessário que mudemos nossos comportamentos. Esses não são compatíveis com as possibilidades do

Planeta, que é finito. Voltando ao Lutzemberger, “a Terra não é um lugar que tenha, de um lado, um buraco do qual se possa extrair infinitamente recursos, e de

outro lado, um outro buraco imenso, no qual possamos colocar todo o nosso lixo, nossos dejetos e resíduos”. Não é assim: a Terra tem limite.

“As mudanças climáticas globais mudarão a paisagem de vastas regiões”

ENTREVISTA COM ADALTO BIANCHINI

“As mudanças poderão ser visivelmente percebidas”, é o que declara o pesquisador Adalto Bianchini, professor do Departamento de Ciências Fisiológicas da Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG), a respeito dos efeitos das mudanças climáticas atuais. O professor acredita que o relatório do IPCC, que causou grande polêmica na mídia, está sendo considerado pelo Governo Federal, mas acredita que a economia impera sobre esta causa. “Não podemos nos esquecer que as questões ambientais, necessariamente, são discutidas considerando-se as necessidades de desenvolvimento e crescimento econômico do país.”

Adalto possui graduação em Oceanologia pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande(FURG), mestrado em Ciências Biológicas (Fisiologia) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutorado em Oceanologia - Université de Liège - Bélgica. Atualmente, é membro do Comitê Assessor de Ciências Biológicas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), sócio efetivo da Sociedade Brasileira de Fisiologia, Society of Environmental Toxicology and Chemistry e Sociedade Brasileira de Ecotoxicologia, membro do comitê editorial das revistas Ecotoxicology and Environmental Safety e Journal of the Brazilian Society of Ecotoxicology. Confira a seguir a entrevista concedida exclusivamente a IHU On-Line.

IHU On-Line - O que política e economicamente está envolvido nesta mudança climática toda?

Adalto Bianchini - Do ponto de vista político, as mudanças climáticas globais exigem que não somente países isolados ou regiões geopolíticas isoladas estejam sensibilizadas para os problemas que estão ocorrendo e

tomem decisões e iniciativas para minimizá-los. Estas tarefas exigem um esforço coletivo, por que não dizer mundial, no qual todos os países e/ou blocos econômicos se interem dos problemas apontados pela ciência e discutam de forma organizada e global as questões advindas destes processos, uma vez que todos, sem

exceção, em maior ou menor grau, participam da origem dos problemas associados às mudanças climáticas globais. Assim, politicamente falando, esforços concentrados que não invoquem bandeiras específicas devem ser feitos e ações políticas globais, integradas e organizadas devem ser implementadas para que metas de controle e redução dos problemas sejam estabelecidas e cumpridas. Do ponto de vista econômico, as mudanças climáticas globais trarão, caso não sejam desaceleradas, enormes prejuízos econômicos em termos globais, considerando-se os efeitos negativos destas mudanças na agricultura, pecuária, pesca, no setor energético, dentre outros. Considerando a matriz econômica de cada país e/ou bloco econômico, alguns serão, portanto, mais afetados que outros, sobretudo aqueles que têm sua economia baseada na produção primária.

IHU On-Line - Que cenário geográfico o senhor projeta para daqui a dez anos? No Brasil, o que as consequências do aquecimento global podem acarretar?

Adalto Bianchini - Do ponto de vista geopolítico não deverão haver mudanças importantes. No entanto, do ponto de vista fisiográfico, as mudanças poderão ser visivelmente percebidas, pois as mudanças climáticas globais, no ritmo em que estão acontecendo, certamente mudarão a paisagem de vastas regiões. No Brasil, por exemplo, deverá ocorrer um processo de “savanização” da Floresta Tropical (Amazônia) e uma “desertificação” do semi-árido nordestino. Além disso, maiores índices de pluviosidade no Sul do Brasil poderão também provocar modificações hidrográficas importantes. Portanto, todos estes possíveis efeitos das mudanças climáticas globais em curso deverão, sem dúvida, mudar a “paisagem” de grandes regiões. Do ponto de vista biogeográfico, o mesmo está previsto, ou seja, mudanças na distribuição das espécies da fauna e da flora, com possibilidade de

ocorrência de migrações, invasão de novas áreas e expansão ou retração das áreas de distribuição destas espécies. No conjunto, estes efeitos contribuíram, sem dúvida, para a alteração dos componentes dos grandes biomas no planeta, inclusive os brasileiros.

IHU On-Line - O senhor acredita que a questão ambiental entrou na agenda deste governo?

Adalto Bianchini - Não tenho dúvidas que, considerando o ponto de vista do Ministério do Meio Ambiente, a questão ambiental é uma constante preocupação do atual Governo Federal. No entanto, não podemos nos esquecer que as questões ambientais, necessariamente, são discutidas considerando-se as necessidades de desenvolvimento e crescimento econômico do país. Neste contexto, nos parece que o crescimento econômico ainda é a prioridade máxima dos governos nas diferentes esferas dos poderes, apesar de que grandes esforços têm sido envidados para que as questões ambientais no país sejam melhor conhecidas e discutidas, visando subsidiar as discussões de um possível crescimento econômico sustentável no momento das tomadas de decisões de políticas, visando o crescimento econômico. Apesar desses esforços, tenho a convicção de que teremos que nos “adaptar” aos possíveis efeitos das mudanças climáticas globais no futuro, já que o crescimento econômico ainda parece imperar sobre o crescimento social, sobretudo quando consideramos os aspectos ambientais no contexto da qualidade de vida da população.

IHU On-Line - O que as universidades estão fazendo em relação a esta questão climática? Que tipos de projetos estão sendo apresentados? Qual a real eficácia destes projetos?

Adalto Bianchini - As universidades sempre foram e sempre serão os pólos de geração do conhecimento, sobretudo no Brasil. Várias instituições distribuídas pelo

país estão incansavelmente dedicando-se a estudos que envolvem desde o levantamento, mapeamento, diagnóstico, passando pela conservação e preservação de diferentes aspectos geológicos, hidrográficos, atmosféricos e biológicos, no âmbito dos mais diversos biomas brasileiros, até Floresta Amazônica e o Pampa Gaúcho¹. Além disso, metodologias de monitoramento e conservação da qualidade ambiental estão em constante desenvolvimento pelas Universidades Brasileiras, tanto do ponto de vista teórico quanto do ponto de vista prático. Incluídos neste contexto, encontram-se aqueles projetos que se dedicam às questões climáticas que, por sua vez, não devem estar alienados dos demais que envolvem os aspectos biológicos e geológicos.

Especificamente, os projetos apoiados pelo Ministério do Meio Ambiente, e que foram apresentados no mês passado em Brasília, visaram realizar uma compilação dos dados climáticos no Brasil e criar projeções, utilizando-se os modelos empregados pelo IPCC, para os próximos 50 anos no Brasil, modelar os possíveis efeitos da variação do nível do mar e seus impactos sobre diferentes aspectos socioeconômicos, além de avaliar o possível impacto das mudanças climáticas globais nas respostas de diferentes espécies da fauna e da flora em diferentes Biomas Brasileiros. Os resultados apresentados tiveram um impacto importante e sensibilizaram sobremaneira a equipe ministerial. Esperamos que as pesquisas até agora realizadas sejam continuamente apoiadas e integradas com outras tão importantes na temática, sendo realizadas em diversas instituições de

Ensino e Pesquisa no país, e que decisões sejam tomadas no sentido de se estabelecer políticas públicas e metas para desaceleração das mudanças climáticas globais.

IHU On-Line - Qual a porcentagem de culpa da raça humana neste aquecimento global? O que fazer com a população que aumenta a cada dia? Quais são os avanços do relatório IPCC em comparação com os alertas conhecidos?

Adaldo Bianchini - É difícil estabelecer um percentual de contribuição das atividades antropogênicas sobre o aquecimento global, tendo em vista que o aquecimento da Terra é um fenômeno natural, que, sem dúvida, está sendo acelerado por estas atividades. Portanto, é cientificamente correto afirmar, uma vez que já se tem evidências suficientes e um nível de confiabilidade aceitável, que as atividades antropogênicas já contribuem significativamente para o aquecimento global e que se medidas e metas não forem estabelecidas e implementadas, os efeitos negativos sobre a qualidade de vida no planeta serão marcantes nos próximos 50 anos. Neste sentido, acredito que os avanços do relatório IPCC em comparação com os alertas conhecidos é que pela primeira vez ele traz estas evidências científicas, as quais, sem dúvida, já convenceram a comunidade científica mundial. Esperamos que agora elas também convençam os tomadores de decisão, para que políticas globais de desaceleração das mudanças climáticas globais sejam efetivamente estabelecidas, implementadas e cumpridas.

título é *Pampa. Silencioso e Desconhecido. (Nota da IHU On-Line)*

¹ Sobre o tema, conferir a edição número 190 da *IHU On-Line*, cujo

“Não há culpados nem vilões”

ENTREVISTA COM PAULO ARTAXO

“As incertezas foram reduzidas de modo bastante significativo”, é o que declara o físico Paulo Artaxo a respeito da divulgação do novo relatório do IPCC. Na entrevista a seguir, o físico comenta brevemente como o relatório supera os alertas ambientais anteriores, além de refletir mudanças possíveis no Protocolo de Kyoto.

Paulo Artaxo é doutor em Ciências pela USP. Atualmente é professor titular do Departamento de Física Aplicada do Instituto de Física da USP. Confira a breve entrevista concedida por e-mail a IHU On-Line a seguir.



IHU On-Line - O que significa este novo relatório do IPCC? Quais são os avanços do relatório IPCC em comparação com os alertas conhecidos?

Paulo Artaxo - Este relatório científico do Grupo de Trabalho 1 do IPCC aponta uma certeza estatística de que as alterações globais já estão ocorrendo e faz previsões do futuro com bastante credibilidade. Foram utilizadas os melhores modelos climáticos do momento, e as incertezas foram reduzidas de modo bastante significativo.

IHU On-Line - Antes da divulgação, integrantes do IPCC e delegados reuniram-se em Paris. O que foi discutido?

Paulo Artaxo - Nesta reunião de 5 dias em Paris, uma parte dos cientistas do IPCC participaram da discussão final com representantes de todos os países da ONU. Nesta reunião, foram ouvidas todas as objeções dos governos a cada palavra constante do relatório do IPCC. Isso é essencial para que o relatório reflita um consenso entre cientistas e governos.

IHU On-Line - Alguma medida, como o Protocolo de Kyoto, pode impedir as interferências climáticas perigosas? E quanto ao uso de modos alternativos de geração de energia?

Paulo Artaxo - Quanto mais rápido a humanidade reduzir as emissões de gases de efeito estufa, menores serão as consequências danosas ao clima. É preciso reduzir as emissões dos gases de efeito estufa o quanto antes e com a maior intensidade possível. O protocolo de Kyoto tem metas muito reduzidas, e cortes das emissões de 50 a 80% são necessários para que as concentrações sejam estabilizadas em valores mais altos que os atuais, mas dentro de valores controlados.

IHU On-Line - Afinal, quem é o culpado pelo efeito estufa?

Paulo Artaxo - Não há culpados nem vilões. Toda a humanidade, com diferentes responsabilidades, deve investir em reduzir as emissões. Mas, evidentemente, os países desenvolvidos têm a maior parcela de responsabilidade pelas suas emissões não controladas nos últimos 150 anos. No caso brasileiro, é essencial que as

queimadas na Amazônia sejam reduzidas o mais rápido possível.

IHU On-Line - Qual o futuro dos países-ilha?

Paulo Artaxo - Algumas ilhas, com aumento do nível do mar de 30 a 50 centímetros podem sofrer processo de erosão acelerado e eventualmente desaparecer. As áreas

costeiras do Brasil vão também sofrer erosão mais acelerada, e regiões de baixa altitude, como a foz do Rio Amazonas, podem ser parcialmente invadidas pelo aumento do nível do mar.

“O biocombustível é a única solução para o problema do aquecimento global”

ENTREVISTA COM JOSÉ GOLDEMBERG

Na última semana aconteceu, no Rio de Janeiro, o Workshop Internacional “A Expansão da agro-energia e seu impacto sobre os ecossistemas brasileiros”, que, na esteira do relatório do IPCC, reuniu pesquisadores e especialistas para discutir as alternativas ao combustível fóssil e o valor da diversidade biológica. A IHU On-Line entrevistou, por e-mail, um dos debatedores, José Goldemberg, ex-secretário do meio ambiente de São Paulo, que discutiu A Expansão da Agro-energia e seus Impactos sobre os Ecossistemas Brasileiros.

José Goldemberg é pós-doutor em Física pela Universidade de São Paulo. Atualmente, é professor assistente da Universidade de São Paulo e membro do Projeto BASIC da University of Sussex. Tem experiência na área de Engenharia Química. É autor de Energia Meio Ambiente e Desenvolvimento (São Paulo: Edusp, 2003) e World energy assessment OVERVIEW 2004 Update (New York: United Nations Development Programme, 2004), dentre outros títulos.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é o papel da bioenergia no contexto da problemática do aquecimento global?

José Goldemberg - A bioenergia é fundamental no contexto do aquecimento global, pois é a única forma de energia renovável que pode ser usada no setor de transporte. Este setor é responsável por 14% das emissões de carbono no mundo.

IHU On-Line - Qual é a importância dos biocombustíveis para a manutenção do meio ambiente do planeta e a contenção do aquecimento global?

José Goldemberg - Os biocombustíveis permitem a substituição parcial, ou total, dos fósseis e como seu balanço de carbono (global) é praticamente nulo, eles contribuem para a redução do efeito estufa.



IHU On-Line - Como o Brasil pode se esforçar para manter a produtividade do etanol e disseminar a idéia de que esse tipo de combustível contribui para a sustentabilidade ambiental?

José Goldemberg - O Brasil pode fazê-lo através de um zoneamento ecológico econômico, detalhando as áreas adequadas (degradadas e de pastagens) que podem ser usadas para biocombustíveis.

IHU On-Line - As leis ambientais mundiais são suficientes para garantir a preservação da biodiversidade e dos recursos naturais do planeta?

José Goldemberg - Se a legislação existente no Brasil e em muitos outros países for seguida adequadamente, ela é suficiente para garantir a proteção à biodiversidade e aos recursos naturais. Mas é fundamental a fiscalização adequada para que isso ocorra.

IHU On-Line - Do ponto de vista ambiental, o biocombustível é uma solução isenta para os problemas do aquecimento global?

José Goldemberg - Se produzidos de forma sustentável e sem desmatamento de matas nativas, obedecendo a legislação ambiental, o biocombustível é a única solução

para o problema de aquecimento global, em particular no setor de transportes, pela falta de outras opções nesta área.

IHU On-Line - Como o senhor vê a política ambiental adotada em países em desenvolvimento, com a China, e em países desenvolvidos, como é o caso dos Estados Unidos? Que consequências essas políticas podem ter?

José Goldemberg - A China e os Estados Unidos precisam implementar políticas para reduzir suas emissões de carbono, em particular provenientes da queima de combustíveis fósseis. Ao contrário do Brasil, que possui uma matriz energética limpa (hidrelétricas e o programa do álcool), mas que possui elevadas emissões de carbono devido ao desmatamento.

IHU On-Line - Conciliar lucro e meio ambiente é possível?

José Goldemberg - Sim, pois o exemplo dos estados da Califórnia e de São Paulo indica que se pode ter um desenvolvimento sustentável, conciliando o desenvolvimento e o meio ambiente. Nestes estados, a legislação ambiental é bastante rigorosa e não impediu o desenvolvimento econômico do estado, que se baseou em indústrias com baixos impactos ambientais.

Além das mudanças climáticas

ENTREVISTA COM WILLIAMS PINTO MARQUES FERREIRA

Graduado em Meteorologia pela Universidade Federal do Pará, Williams Pinto

Marques Ferreira é mestre em Agronomia (Meteorologia Agrícola) pela Universidade Federal de Viçosa e doutor em Engenharia Agrícola pela Universidade Federal de Viçosa (2004).

Na entrevista que segue, concedida por e-mail a IHU On-Line, Ferreira diz que por causa das mudanças climáticas, nos próximos dez anos, “muito mais do que experimentar sensações físicas decorrentes das mudanças do clima, serão percebidas mudanças no cenário geográfico e social brasileiro”.

Ferreira atualmente é pesquisador brasileiro da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Milho e Sorgo. Tem experiência na área de Geociências, com ênfase em Modelagem Agrometeorológica, Climatologia Urbana e Rural Biogeografia, atuando principalmente nos seguintes temas: mudanças climáticas, efeito estufa, aquecimento global, protocolo de Kyoto e impacto ambiental.

IHU On-Line - Que cenário geográfico o senhor projeta para daqui a 10 anos?

Williams Pinto Marques Ferreira - Primeiramente, é preciso esclarecer um fato já definido cientificamente. Alguns dos gases participantes do efeito estufa¹ tem longo tempo de residência na atmosfera (acima de 100 anos). Logo, mesmo se as emissões fossem interrompidas hoje, ainda assim sofreríamos as consequências das emissões anteriores por muitos anos.

Isso significa dizer que as mudanças continuarão a acontecer pelos próximos séculos de qualquer forma, ou seja, o cenário geográfico num curto espaço de tempo,

10 anos, tanto para o Brasil como para grande parte do mundo, sofrerá transformações e adaptações, as quais já estão acontecendo. A diferença é que atualmente isso é mais visível, e a população pobre e miserável sempre foi afetada em primeiro plano pelas mudanças do clima. Fenômenos como as migrações serão um dos aspectos sociais mais evidentes desses novos tempos. Na verdade, já ocorre a migração no Brasil há muitos anos: é a dos refugiados da seca do nordeste, cada vez mais intensa. O Estado de São Paulo é a maior prova dessa migração, pois concentra a maior parte de nordestinos fora de sua região de origem. Hoje, porém, ocorre outro movimento, principalmente na classe média alta que busca fugir do alto índice de violência dos grandes centros urbanos, seguindo para o interior, apesar de a violência ter migrado também para as pequenas cidades do interior, que vêm registrando a cada dia aumento no índice de violência. Enfim, nos próximos dez anos, muito

¹ O efeito estufa é um processo que faz com que a temperatura da Terra seja maior do que a que seria na ausência de atmosfera. O efeito estufa dentro de uma determinada faixa é de vital importância pois, sem ele, a vida como a conhecemos não poderia existir. O que se pode tornar catastrófico é a ocorrência de um agravamento do efeito estufa que desestabilize o equilíbrio energético no planeta e origine um fenômeno conhecido como aquecimento global. (Nota da IHU On-Line)

mais do que experimentar sensações físicas decorrentes das mudanças do clima, serão percebidas mudanças no cenário geográfico e social brasileiro.

IHU On-Line - Qual a porcentagem de culpa da raça humana neste aquecimento global? O que fazer com a população que aumenta a cada dia?

Williams Pinto Marques Ferreira - Fato concreto é que nos só dispomos de dados de clima à bem pouco tempo. Estudos sobre o clima passado são feito com base de amostras de ar presentes em núcleos de gelo retirados de diferentes profundidades do solo nas regiões polares. E o que hoje os estudo indicam é que, a partir da revolução industrial¹, que aconteceu em 1870, o clima vem sofrendo mudanças de modo mais acelerado. Como não há dúvidas de que os gases² participantes da intensificação do efeito estufa, com exceção do vapor d'água, são emitidos em grande parte pelo homem, é certo que temos boa parcela de contribuição na situação atual do clima.

Como a população mundial continua crescendo, com previsão de um aumento de 2,5 bilhões nos próximos 43 anos, e com projeções de alcançar mais de 9,2 bilhões de pessoas em 2050, segundo a Organização das Nações Unidas, há uma preocupação de fato com relação ao futuro. Porém, o crescimento populacional mundial tem

1 A Revolução Industrial significou o início do processo de acumulação rápida de bens de capital, com consequente aumento da mecanização. Isso se deve ao fato de o capitalismo (economia de mercado) estar como sistema econômico vigente. (Nota da IHU On-Line)

2 Os gases do efeito de estufa são aqueles responsáveis pelo fenômeno conhecido por Efeito estufa, que é o aquecimento da atmosfera terrestre devido à absorção, reflexão e reemissão de radiação infravermelha pela moléculas de tais gases contidos na atmosfera, direcionado essa energia para a superfície terrestre. Entre os gases que contribuem para o efeito estufa estão o ozônio da troposfera e os compostos de cloro, flúor e carbono (geralmente chamados de CFC). (Nota da IHU On-Line)

diminuindo muito, e, segundo os estudos dos demógrafos, esse crescimento cessará durante este século.

Espaço limitado

Com relação à convivência num espaço “limitado”, acredito que a capacidade de adaptação resolverá em grande parte o problema, pois os estilos de vida e as culturas são os maiores “problemas”. Hoje percebemos que mesmo em pequenas cidades há sempre um local onde as pessoas costumam se aglomerar, no caso das cidades grandes um exemplo disso são os shoppings. Basta lembrarmos das torres gêmeas³ de Nova Iorque, que abrigavam mais pessoas do que certos interiores do Brasil.

O maior problema do crescimento populacional está associado à alimentação mundial. Assegurar alimento de maneira igualitária no mundo é uma utopia. Os governantes são, de maneira particular, responsáveis por assegurar o alimento as suas respectivas nações, porém devem primeiramente legislar de forma a assegurar a harmonia social, a paz e a estabilidade econômica em seus países.

Crescimento populacional e desenvolvimento sustentável

A questão do crescimento populacional está diretamente ligado ao termo desenvolvimento sustentável. As mudanças climáticas são o reflexo de um modelo econômico predador do meio ambiente, que

3 World Trade Center era um complexo de edifícios, construído no início da década de 1970, localizado em Manhattan, Nova Iorque, EUA. Dos sete edifícios que compunham o complexo, destacavam-se as duas Torres Gêmeas com 110 andares, consideradas um dos ícones da economia norte-americana, e que foram idealizadas pelo arquiteto japonês Minoru Yamasaki. Nelas, trabalhavam diariamente cerca de 50.000 pessoas. Em 11 de setembro de 2001 ocorreram uma série de ataques contra alvos civis nos Estados Unidos. Na manhã deste dia, quatro aviões comerciais foram desviados, sendo que dois deles colidiram contra as torres. (Nota da IHU On-Line)

possibilita o aumento da riqueza para alguns países em detrimento da pobreza em outro. A busca pelo desenvolvimento econômico sem degradar o ambiente sempre foi discutida, porém o que sempre aconteceu foi tão somente o crescimento econômico de alguns poucos, não considerando os aspectos das igualdades sociais. O desenvolvimento por sua vez é possível, pois embora busque a geração de riquezas, busca também a divisão desses bens com o objetivo de melhorar a qualidade de vida de todos, considerando, assim, as questões ambientais, ou seja, a saúde do planeta para as gerações futuras. Um programa de desenvolvimento econômico é fundamental para viabilizar, de maneira sustentável, a melhoria de vida dos menos favorecidos. Porém, a proteção do meio ambiente deve ser vista como parte fundamental e não como parte secundária do processo de desenvolvimento sustentável. O desenvolvimento só deveria ser possível caso fosse sustentável, ou seja, não deveria haver degradação na produção dos alimentos, além de toda a riqueza produzida ser distribuída por toda a população de forma igualitária.

IHU On-Line - No Brasil, o que as consequências do aquecimento global podem acarretar? E para a agricultura especificamente?

Williams Pinto Marques Ferreira - Em termos de Brasil, nossa maior dificuldade deve-se ao fato de ainda não termos um plano de adaptação e, principalmente, de mitigação para a mudança climática. Um exemplo a nível internacional é a Holanda, país que tem a maior parte de seu território abaixo do nível do mar, e atualmente dispõe de um plano de redimensionamento territorial e agrícola, pois em pouco tempo deverá ter parte de seu território submerso para se adequar às novas realidades de sua geografia, cada vez mais ameaçada pelo mar.

No Brasil, as decisões das políticas públicas ainda são insuficientes para assegurar mudanças no âmbito cultural de modo a envolver as mudanças do clima na vida do

cidadão brasileiro. Ainda falta uma consciência capaz de mudar hábitos do dia-a-dia, principalmente nas grandes cidades, maiores consumidores de água e produtoras de lixo por pessoa, devido ao grande consumo de produtos industrializados.

As atuais mudanças experimentadas pelo clima nos conduzirão em pouco tempo ao aumento dos extremos mínimos alcançados em todas as estações do ano, ou seja, as madrugadas serão as mais quentes. A intensidade dos vendavais e das chuvas deverá aumentar na região sudeste, principalmente no outono. Nessa região, onde freqüentemente ocorrem o encontro de massas de ar com características opostas, embora ocorra aumento da intensidade das chuvas, não deve, a princípio, haver aumento no volume anual das chuvas. Na primavera e no inverno, por sua vez, deverão ocorrer reduções na ocorrência das chuvas.

Atividades agrícolas

Tanto o aumento quanto a redução das chuvas certamente representarão grande risco às atividades agrícolas nessa região. Os cultivos de verão também deverão ser comprometidos, principalmente nas regiões Sul e Centro-Sul. Culturas como o milho, a soja e o trigo sofrerão mudanças no tempo de duração do seu ciclo (redução), na produção de biomassa aérea e possivelmente no rendimento de grãos.

Não se deve descartar a grande possibilidade do aumento na freqüência das secas na região do semi-Árido o que certamente acarretará migração da população daquela região, aumentando o número de refugiados do clima no Brasil.

Outra real dificuldade é que hoje temos uma visão da vulnerabilidade do impacto do clima nas atuais doenças. Entretanto, é quase impossível fazer-se um prognóstico, nesse caso, para daqui a 50 anos.

IHU On-Line - Que efeitos práticos a variação de 3°C

na temperatura global média implicará até 2100?

Williams Pinto Marques Ferreira - Muitas são as projeções diante do aumento de 3°C até o final desse século, o que deve causar um total desequilíbrio em vários ambientes do nosso planeta. Porém, ocorre diante dessas mudanças o fenômeno da retroalimentação climática. Nesse ponto encontra-se a maior dúvida dos cientistas, afinal os modelos, por mais sofisticados que possam ser, ainda têm muita limitação na representação dos efeitos da retroalimentação climática, que poderá intensificar ou não as mudanças do clima ao longo desse período. Atualmente, o maior efeito prático visível é o derretimento parcial da água presente no manto de gelo dos continentes gelados, capaz de contribuir para a elevação do nível dos oceanos e modificar as correntes marítimas, como convecção termohalina e, consequentemente, alterar a produtividade biológica, modificando, com isso, o processo de troca de CO₂ entre os oceanos e a atmosfera. Mudanças nos padrões atuais certamente também acontecerão. De modo geral, os efeitos são ainda imprevisíveis, pelo menos com certa margem de segurança. A terra já passou por mudanças de temperaturas superiores aos 3°C ao longo dos seus 4,5 bilhões de anos. O difícil é considerar que as mudanças serão semelhantes uma vez que nessa escala de tempo muita coisa no planeta mudou.

IHU On-Line - O Protocolo de Kyoto e o mercado de carbono são suficientes para estancar as mudanças perigosas?

Williams Pinto Marques Ferreira - Não podemos esquecer que o Protocolo de Kyoto¹ é o resultado de uma

¹ O Protocolo de Quioto ou Protocolo de Kyoto é consequência de uma série de eventos iniciada com a *Toronto Conference on the Changing Atmosphere*, no Canadá (outubro de 1988), seguida pelo *IPCC's First Assessment Report* em Sundsvall, ocorrido na Suécia (agosto de 1990) e que culminou com a *Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança Climática* (UNFCCC), na ECO-92 no Rio de Janeiro, Brasil (junho de 1992). Também reforça seções da UNFCCC. Constitui-se

série de outras conferências, inclusive a Convenção Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança Climática (UNFCCC) na ECO-92² em junho de 1992 no Rio de Janeiro, do qual o Brasil foi o primeiro signatário.

Definido em Kyoto, no Japão, em 1997, o protocolo de Kyoto só passou a vigorar em 16 de fevereiro de 2005, após a ratificação pela Rússia em Novembro de 2004. O principal objetivo foi assegurar diante de um tratado internacional que os que mais emitem carbono para a atmosfera reduziriam suas emissões em no mínimo 5,2% até 2012, em relação aos níveis de 1990.

Diante da realidade verificada nas conferências anteriores a Kyoto, ficou claro que as boas intenções dos países envolvidos não seriam suficientes para garantir a palavra empenhada na redução das emissões de carbono para a atmosfera. O discurso bem intencionado ia muitas vezes de encontro aos interesses econômicos daqueles países. Surgiu então um mecanismo capaz de compensar ou punir a ocorrência ou falta de ações concretas benéficas à saúde do planeta. O mercado de carbono veio para envolver os países capazes de reduzir a emissão de carbono para a atmosfera, e aqueles "cheios de boa vontade de reduzir as emissões", porém não capazes de realizar tal tarefa por conta própria.

Frente aos fatos, o protocolo de Kyoto não assegura uma solução definitiva, afinal, precisa evoluir muito. Como qualquer negócio comercial, precisa excluir os interesses obscuros e não se tornar uma ferramenta

no protocolo de um tratado internacional com compromissos mais rígidos para a redução da emissão dos gases que provocam o efeito estufa, considerados, de acordo com a maioria das investigações científicas, como causa do aquecimento global. (Nota da *IHU On-Line*)

² A ECO-92, Rio-92 ou Cúpula da Terra, nomes pelos quais é mais popularmente conhecida a *Conferência das Nações unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento* (CNUMAD), realizou-se de 3 a 14 de junho de 1992 no Rio de Janeiro. O seu objetivo principal era buscar meios de conciliar o desenvolvimento sócio-econômico e industrial com a conservação e proteção dos ecossistemas da Terra. (Nota da *IHU On-Line*)

oficial, capaz de assegurar o direito de poluir àqueles mais desenvolvidos, com maior poder econômico.

Por outro lado, houve grande progresso ao longo das inúmeras conferências internacionais que já ocorreram desde a década de 1980, sendo o protocolo de Kyoto e seus mecanismos a maior conquista em benefício da saúde do planeta. Não se deve esquecer que se trata de um acordo internacional não entre três ou quatro países, mas sim entre mais de uma centena de países que possuem culturas, desenvolvimento econômico e interesses bastante diversos.

IHU On-Line - O que virá após Kyoto, uma vez que os próprios cientistas o consideram limitado? Quais serão os desafios políticos do acordo pós-Kyoto?

Williams Pinto Marques Ferreira - O Pós-Kyoto já está em plena negociação e representa um novo desafio, tão

grande quanto foi o próprio Kyoto. Como se supunha, mais cedo ou mais tarde os Estados Unidos participariam dessa discussão, afinal naquele país existe a política interna, assim como em qualquer parte do mundo, e isso chegaria um dia a se tornar um problema de política interna do próprio país. Entretanto, mais difícil do que mudar hábitos dos maiores poluidores do planeta será frear o crescimento do consumismo na China. Como o mundo irá convencer os chineses que, justamente agora que a economia deles cresce, precisarão abrir mão de benefícios e hábitos consumistas, ou seja, na oportunidade deles, eles não poderão desfrutar daquilo que os americanos desfrutam há décadas?

Eis ai o maior desafio do Pós-Kyoto: envolver países em pleno desenvolvimento como o Brasil, a China e a Índia, que resistem à idéia de pagar, agora, as contas ambientais feitas no passado pelos países desenvolvidos.

A questão ambiental está além dos pandas e das baleias

ENTREVISTA COM FERNANDO ANTONIO DOS SANTOS FERNANDEZ

O professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fernando Antonio dos Santos Fernandez, acredita que podemos escolher, ainda, entre uma natureza muito degradada ou pouco degradada.

Na entrevista que segue, concedida por telefone à IHU On-Line, Fernandez explica suas definições para desenvolvimento sustentável e diz que as questões ambientais estão além dos pandas e das baleias.

O professor possui graduação em Ciências Biológicas, mestrado em Ecologia pela Universidade Estadual de Campinas (1989) e PhD (Ecology) pela University of Durham (1993). Tem experiência na área de Ecologia, com ênfase em Biologia da Conservação, atuando principalmente nos seguintes temas: efeitos de fragmentação de habitats sobre populações de mamíferos; ecologia populacional de mamíferos, com ênfase em marsupiais e roedores. É autor do livro O poema imperfeito: crônicas de Biologia, conservação da natureza e seus heróis (2. ed. revista e atualizada. Curitiba: Editora UFPR, 2004).

IHU On-Line - É possível conciliar desenvolvimento econômico com desenvolvimento sustentável?

Fernando Fernandez - É uma pergunta difícil. Acho que, de uma forma ou de outra, se quisermos ter desenvolvimento, precisará ser sustentável. Mas depende de como definimos desenvolvimento. Se pensarmos desenvolvimento como é feito hoje, como algo necessariamente dependente de crescimento, a resposta é não. Se conseguirmos encontrar uma maneira de desenvolvimento como sendo uma melhoria qualitativa nos processos, na vida das pessoas, aí acho que é possível conciliar. Mas, dentro da nossa visão atual de desenvolvimento, qualquer economista vai dizer que se não crescemos 5% ao ano, não conseguiremos gerar emprego nem ter qualidade de vida. Enquanto a definição de desenvolvimento depender de crescimento, aí não tem jeito, não é sustentável.

Empresas e sustentabilidade

Como objetivo das empresas, a idéia de desenvolvimento sustentável é muito boa. Mas costumo dizer que existem quatro definições alternativas de desenvolvimento sustentável: É um louvável objetivo para as pessoas de boa fé; É uma maneira de conseguir permissão para explorar recursos que de outra forma não seria possível. No momento em que usamos a colocação mágica, que sua exploração é pretensamente sustentável, mesmo que não se tenha testado essa sustentabilidade, todas as portas se abrem e se pode explorar tudo com facilidade, ainda mais no Brasil; Desenvolvimento sustentável seria uma maneira muito eficiente de inserir seus produtos num mercado consumidor cada vez mais consciente ambientalmente. Novamente, se disser que o produto provém de uma exploração sustentável, ele será aceito com mais facilidade, dificilmente precisando demonstrar-se que a exploração é sustentável; Esta idéia da sustentabilidade tem sido amplamente usada para desviar recursos

internacionais de projetos de conservação para projetos econômicos, desde que estes tenham o rótulo mágico de “desenvolvimento sustentável”.

Marketing

A crítica que faço em relação a desenvolvimento sustentável não é em relação à idéia. Faço crítica das coisas que são vendidas com base nesta idéia.

IHU On-Line - Quem são reais culpados por este aquecimento global?

Fernando Fernandez - Todos nós! Eu, você e todas as outras pessoas. A mudança climática que está acontecendo é resultado do padrão de consumo das pessoas. Claro, há culpados maiores e menores. Mas todos nós colocamos mais do que nossa cota de CO₂ na atmosfera. Um brasileiro de classe média coloca uma cota insuportável. Nosso modo de vida, construído a base de carros, de um uso muito intenso de energia, de consumo de produtos que geram o desmatamento, como os produtos de pecuária, todo nosso modo de vida gera o aquecimento global. Isso não é pra dizer que não existem responsáveis maiores que os outros, mas é para dizer que, se quisermos mudar isso, todos devem mudar o estilo de vida.

Ser humano letal

Acho que as espécies, de um modo geral, na natureza, não tendem a ser boazinhas umas com as outras. As espécies tendem a se utilizar umas das outras. Existem relacionamentos ecológicos, como o mutualismo, que não são antagônicos. Mas muitas espécies têm relacionamento antagônico com outras. O que acontece é o que o ser humano por causa da nossa tecnologia atinge um nível de poder no planeta que ninguém sonhou em atingir. Então, temos muito poder em acabar com outras espécies. Os elefantes quando, por exemplo, estão em grande número, podem causar estragos, mas

não como nós, afinal o estrago deles é ínfimo.

IHU On-Line - E o que fazer com a população que cresce vertiginosamente?

Fernando Fernandez - Esta é uma questão fundamental para conservação. Acho difícil não falar, na atual situação, em estabilização populacional. Temos que ter um crescimento diminuído. Mas algo deve ficar claro: o crescimento, a taxa de natalidade que existe, hoje em dia, não é muita alta. A mortalidade que é muita baixa. Não queremos abrir mão da medicina que tende, cada vez mais, a fazer com que as pessoas vivam muito. É natural que nenhum de nós queira abrir mão dessas coisas. Agora, se aceitamos essas coisas artificiais, de alguma forma, vamos ter que lidar com a questão da natalidade para haver um equilíbrio. A maneira de se lidar com isso é a informação. Ensinar as pessoas a planejar para evitar ou conceber filhos.

IHU On-Line - Quais suas percepções em relação ao relatório do IPCC?

Fernando Fernandez - Acho que estamos vendo que as mudanças estão ocorrendo rapidamente e vão afetar a gente muito cedo. Vejo na divulgação deste relatório e no destaque que o assunto “mudança climática” está tendo na mídia, vejo um lado favorável. Nunca as questões ambientais tiveram espaço antes no *Fantástico*, no *Jornal Nacional*. As pessoas sempre viram a questão ambiental como algo: “devemos salvar os pandas, as baleias”. Hoje em dia, as pessoas vêm que a questão ambiental é maior que isso. Precisamos de mudanças culturais.

Esperança

Há esperança ainda. Temos que ver que na questão ambiental nada é preto ou branco. O planeta começou a ser devastado pelo homem há quase 50 mil anos. Se quiséssemos uma natureza intocada, teríamos que voltar

no tempo. O que está em nossas mãos é decidir o quanto degradada a natureza vai estar no futuro. Está em nossas mãos decidir se nossos filhos vão conhecer tigres, florestas tropicais, enfim. O mundo perfeito já está perdido. Cabe decidir o quanto degradado vamos querer que ele esteja no futuro.

Artigo da semana

Uma injustiça do tamanho do mundo. África é vítima de uma agressão global

POR RUBENS RICUPERO

“O governo americano, por exemplo, espera solidariedade de todos na luta contra o terrorismo internacional que o ameaça. Ao mesmo tempo, recusa limitar as emissões de gases, contribuindo para apressar o desaparecimento físico de ilhas do Pacífico ou regiões de Bangladesh, povoadas por centenas de milhões de pessoas”, escreve Rubens Ricupero, diretor da Faculdade de Economia da Faap e do Instituto Fernand Braudel de São Paulo, ex-secretário-geral da Unctad (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento) e ministro da Fazenda (governo Itamar Franco) em artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo, 15-04-2007. Eis o artigo.

Os Estados Unidos e a Europa respondem por dois terços dos gases causadores da mudança climática, enquanto os 840 milhões de africanos mal atingem 3%. Em compensação, as secas e as inundações decorrentes do aumento da temperatura castigarão muito mais os africanos, inocentes de culpa, do que os ocidentais, vilões históricos do aquecimento global desde que a Revolução Industrial desencadeou o processo, dois séculos e meio atrás.

Ninguém é insensível à disparidade tão monstruosa entre causa e efeito. É sugestivo, porém, como a nacionalidade ou a classe fazem ver coisas diferentes ao olharem para o mesmo fenômeno.

Para um intelectual da conservadora Hoover Institution, ouvido por jornal americano, é como o naufrágio do Titanic. A natureza não seria democrática: os imigrantes da terceira classe dos porões do navio têm chance muito menor de se salvarem do que os passageiros da primeira no convés de cima. A comparação é duplamente péruida ao insinuar não só que

a culpa é da natureza, não dos homens, mas ao acentuar de lambuja que também as diferenças de classe e riqueza são uma fatalidade “natural”.

Já o presidente de Uganda, ao discursar em reunião da União Africana, sustenta que a África está sendo vítima de uma “agressão global”. É a única descrição que se ajustaria ao processo humano pelo qual o Alasca e a Sibéria se tornariam talvez aptas à agricultura às custas de acelerar a desertificação da África.

Quem tem mais razão é o africano. O flagelo que nos assola não é uma cega catástrofe da natureza, como a queda de meteorito que não se pode evitar ou desviar. Trata-se de alteração ocasionada pela ação humana, a primeira vez em que os homens se tornaram capazes de afetar o que parecia fora do alcance de nossas forças, a atmosfera e o clima.

Aí se encontra o caráter único do processo, a marca humana que permite falar em injustiça, e não em fatalidade. Não surpreende por essa razão que o governo

dos Estados Unidos, responsáveis por mais de 30% das emissões, tenha teimado tanto em negar a evidência científica de que a mudança do clima não se devia a causas naturais, mas sim a humanas.

Reconhecer que a alteração é causada por homens e por alguns, mais que outros, é ter de admitir o princípio da “responsabilidade diferenciada”, consagrada na Convenção sobre Mudança Climática. É, portanto, direito internacional positivo, que não se pode discutir nem negar.

Da mesma forma, o compromisso assumido pelos signatários da Convenção (também os Estados Unidos) de ajudarem os mais vulneráveis com os custos da adaptação é questão de justiça, não só de solidariedade. Assim como a paz, a justiça e a solidariedade serão indivisíveis ou não serão nada. Isto é, não podem ser parciais, discriminatórias, egoisticamente seletivas.

O governo americano, por exemplo, espera solidariedade de todos na luta contra o terrorismo internacional que o ameaça. Ao mesmo tempo, recusa limitar as emissões de gases, contribuindo para apressar o desaparecimento físico de ilhas do Pacífico ou regiões de Bangladesh, povoadas por centenas de milhões de pessoas.

A agenda internacional é injusta, estúpida e ilegítima, pois privilegia o terrorismo, a proliferação de armas

(apenas de alguns), o Iraque, o Irã, e relega a tratamento secundário à mãe de todas as ameaças, a que afeta o planeta inteiro, até mesmo os ricos. Os britânicos admitiram sua responsabilidade histórica e estão dando um exemplo ao mundo. É uma tragédia que, nesse ponto, tenham tão pouca influência sobre seus aliados americanos.

Mas os Estados Unidos não são os únicos em dúvida com a Terra. O Brasil, apesar do etanol e de equação energética mais limpa, é réu de culpa tríplice: pelas queimadas na Amazônia, quarta ou quinta maior fonte de gases causadores de efeito estufa; pela destruição das matas ciliares e desrespeito dos 20% da reserva legal de Mata Atlântica em muitos canaviais; por sistema desumano que obriga 200 mil colhedores de cana à exaustão, chegando às vezes à morte, a fim de alcançarem paga condigna.

Nessa injustiça do tamanho do planeta, o Brasil é vilão e vítima. Tem de fazer sua parte, pois, como dizia Chesterton do pecado original, “estamos todos no mesmo barco e todos com enjôo”.

Livros da semana

Adler, Laure. *Nos Passos de Hannah Arendt*. Tradução: Tatiana Salem Levy e Marcelo Jacques. Editora Record

Wagner, Eugênia Sales. *Hannah Arendt - Ética Política*.

Editora: Ateliê

Correia, Adriano. *Hannah Arendt*. Editora Jorge Zahar

Newton Bignotto, professor de filosofia política na Universidade Federal de Minas Gerais comenta os três livros acima em artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo, 15-04-2007. Ele ressalta, como o fez também o jornalista Elio Gaspari, na coluna que publicou nos jornais desta semana, a excelente análise da vida da autora de Eichmann em Jerusalém, feita pela francesa Laure Adler. Eis o artigo.

A safra atual de publicações sobre Hannah Arendt¹⁸ no Brasil mostra como suas obras passaram a ocupar um

18 Hannah Arendt (1906-1975), filósofa e socióloga alemã, de origem judaica. Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Jaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os EUA, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Sua filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera econômica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. Entre suas obras, citamos: *Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal*. Lisboa: Tenacitas. 2004; *O Sistema Totalitário*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1978; *O Conceito de*

Amor em Santo Agostinho. Lisboa: Instituto Piaget; *A Vida do Espírito*. v.I. *Pensar*. Lisboa: Instituto Piaget; *Sobre a Revolução*. Lisboa: Relógio D`Água; *Compreensão Política e o Futuro e Outros Ensaios*. Lisboa: Relógio D`Água (edição da Perspectiva, 2002). Sobre Arendt, confira as edições 168 da *IHU On-Line*, de 12 de dezembro de 2005, sob o título *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*, e a edição 206, de 27-11-2006, intitulada *O mundo moderno é o mundo sem política. Hannah Arendt 1906-1975*, ambas disponíveis para download no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. Nas *Notícias diárias* de 01-12-2006 você confere a entrevista *Um pensamento e uma presença provocativos*, concedida com exclusividade por Michelle-Irène Brudny para nosso site. (Nota da *IHU On-Line*)

lugar de destaque no interior das ciências sociais e da filosofia nacionais. Até o início dos anos 1980, ela era praticamente desconhecida entre nós.

Além dos trabalhos pioneiros de Celso Lafer¹⁹ e dos seminários e escritos de Eduardo Jardim²⁰, as referências à pensadora eram escassas e pouco informadas. Esse quadro, aliás, se repetia na França e em outros países, que até então não haviam dado o devido valor ao conjunto de suas obras.

O livro de Adriano Correia é uma amostra de como a filosofia de Arendt se converteu em objeto de interesse para além das fronteiras dos especialistas.

Correia é autor de uma tese de doutorado sobre a filósofa e se dedicou, em seu pequeno livro, a apresentar a trajetória intelectual da pensadora judia desde sua tese sobre santo Agostinho até seu último livro.

A estratégia adotada pelo autor tem o mérito de guiar o leitor ao longo de uma vida marcada por seu tempo e em permanente diálogo com seus problemas e transformações.

Como se trata, no entanto, de uma obra de introdução, algumas vezes as exposições são por demais sumárias, o que não nos permite apreender toda a complexidade da “démarche” de Arendt. Essa limitação, imposta pela natureza da coleção na qual o livro foi publicado, é compensada pela clareza do texto e pelo domínio conceitual do autor.

¹⁹ Celso Lafer: jurista brasileiro, professor titular de Filosofia do Direito, é ex-ministro das Relações Exteriores, tendo sido chanceler por duas vezes: no governo Fernando Collor e no de Fernando Henrique Cardoso. (Nota da IHU On-Line)

²⁰ Eduardo Jardim de Moraes: filósofo brasileiro, graduado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), organizador das obras *Hannah Arendt - dialogos, reflexões, memórias*. Belo Horizonte: UFMG, 2001 e *Hannah Arendt: Diálogos, reflexões, memórias*. Belo Horizonte: UFMG, 2001. (Nota da IHU On-Line)

O trabalho de Eugênia Sales Wagner é uma demonstração do vigor da produção brasileira atual sobre o pensamento arendtiano. Originariamente uma tese de doutorado, o livro é tecido em torno das idéias do amor e da liberdade, o que o leitor não descobre de imediato dado o título por demais genérico escolhido. Mas o livro não se resume a uma exposição burocrática dos conceitos, longe disso.

Escrito de forma clara e agradável, ele se propõe demonstrar uma tese ousada, que só se revela em toda sua extensão no último capítulo.

Em primeiro lugar, a autora toma o conceito de amor, presente na tese de doutorado de Arendt, como fio condutor de sua exposição. No lugar da tipologia de origem agostiniana, a autora fala de amor da sabedoria, do próximo, da liberdade, da vontade e do mundo.

Esse movimento vai levá-la a concluir que, mesmo não sendo visível em todas as etapas do percurso da autora, o amor deve ser compreendido como o fio da trama conceitual da obra arendtiana. Sua essência só se revela inteiramente quando é reconhecido como a finalidade última da ação humana e se transforma em amor ao mundo.

Eugênia Wagner corre riscos ao tentar, na parte final do livro, deduzir o que seria a filosofia de Arendt sobre a faculdade de julgar a partir apenas de fragmentos. Embora esse passo não destrua a coerência da argumentação, é sempre complicado dizer, no lugar do autor, como teria terminado sua obra.

Tarefa delicada

De natureza muito diversa é o livro de Laure Adler. Diretora por alguns anos da prestigiosa Radio France Culture, ela é autora de uma biografia da escritora Marguerite Duras [Marguerite Duras, inédito no Brasil]. Dessa vez enfrentou uma tarefa delicada ao propor uma nova biografia de Arendt, pois tinha diante de si o

trabalho de Elisabeth Young-Bruehl²¹, referência entre os especialistas.

Adler, que se serviu bastante dos trabalhos da antecessora, acrescentou um bom número de testemunhos e fontes, até aqui inéditos, o que por si só já seria um trabalho meritório.

Mas ela foi capaz de ir mais longe ao propor uma leitura da vida e da obra de Arendt na qual se misturam paixão e identificação com a filósofa, com a busca de uma posição equilibrada e lúcida, que leva a biógrafa a apontar os traços arrogantes da personalidade da filósofa e suas contradições ao mesmo tempo em que esclarece as condições difíceis que presidiram o nascimento de sua obra.

Caso de amor

Embora o objetivo não seja apresentar ou resumir os trabalhos mais importantes de Arendt, a análise dos principais argumentos e do contexto no qual nasceram certamente ajudam em sua compreensão. Esse impulso de compreender a vida da filósofa a partir da mistura entre acontecimentos históricos e fatos pessoais se mostra intenso quando Adler examina a relação de Arendt com Heidegger²², a quem dedica muito espaço no livro.

21 Elisabeth Young-Bruehl: psicoterapeuta norte-americana, célebre pela autoria de biografias de Hannah Arendt e Anna Freud. Sobre Arendt, confira *Hannah Arendt: For Love of the World*. New Haven: Yale University Press, 2004. (Nota da IHU On-Line)

22 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponíveis para download no sítio do IHU, www.unisinos.br/ihu. Confira, ainda, o nº 12 do *Cadernos IHU Em Formação* intitulado *Martin Heidegger. A construção da metafísica*. (Nota da IHU On-Line)

Sem se deixar levar por conjecturas, a biógrafa tenta mergulhar nos meandros de um caso de amor que reuniu dois dos maiores pensadores do século XX, separados, no cenário político, por posições inconciliáveis.

O enigma desse encontro é vasculhado à luz de uma documentação que, ao mostrar de forma incontestável o pertencimento de Heidegger ao Partido Nazista até 1945 e a incapacidade de refletir sobre as consequências de seu engajamento pós-1945, só aguçá a curiosidade sobre a trajetória de dois seres cuja relação ultrapassou fronteiras quase intransponíveis.

Mas Adler não cede à tentação do sensacionalismo nem da facilidade. Não enuncia teses sem comprovação ao mesmo tempo em que não deixa de manifestar sua antipatia pelo filósofo alemão e sua perplexidade diante do comportamento de Arendt em algumas ocasiões.

Não se trata de julgar o comportamento dos personagens do livro, mas a biógrafa também não se esconde por trás de uma máscara de neutralidade. Mesclando ironia, compaixão e admiração, Adler produz um mosaico cativante de uma vida que se misturou inteiramente com seu tempo.

O resultado é não apenas uma biografia rica e nuançada de Arendt, mas um passeio vivo e bem informado pelo cenário intelectual do século XX.

Teologia Pública

Jesus de Nazaré, de Joseph Ratzinger - Bento XVI

Nesta segunda-feira, dia 16-04-2007, está sendo publicado na Itália, Alemanha e Polônia o livro Jesus de Nazaré, de Joseph Ratzinger - Bento XVI. A edição brasileira será publicada, em maio, pela Editora Planeta.

Traduzimos e publicamos abaixo o comentário de dois conceituados vaticanistas, Marco Politi, publicado no jornal italiano La Repubblica, 14-04-2007, e Henri Tincq, publicado no jornal Le Monde, 15-04-2007.

O último livro de Joseph Ratzinger, Jesus de Nazaré é um esplêndido catecismo literário, um hino ao seguimento de Cristo, um retrato convincente de Jesus como todo pároco e todo catequista e professor de religião gostaria de transmitir. A opinião é de Marco Politi, vaticano, em artigo publicado no jornal La Repubblica, 14-04-2007. Eis o artigo.

No seu primeiro livro escrito como papa, Ratzinger confirma o seu estilo, que fascina os fiéis em Roma e no mundo: simplicidade na exposição, capacidade de se aproximar todos - verdadeiramente todos - aos temas essenciais da fé, exortação convincente a uma espiritualidade intensa, rigorosa e jovial.

Mas *Jesus de Nazaré*, editado em italiano pela Rizzoli, 446 páginas, é também a ocasião para o teólogo Ratzinger fazer as contas com as teorias, modas e traduções que o irritam há décadas.

Deus não é Mãe

“Mãe não é uma evocação para Deus”, exclama Ratzinger num certo momento, acabando bruscamente com anos de polêmicas com a teologia feminista e inclusiva do catolicismo norte-americano. Certamente, Deus não é homem nem mulher. Na Bíblia lhe é atribuído

o amor materno pelo seu povo e é tocante que a divina misericórdia venha expressa com um termo hebraico que lembra o “seio materno”, mas a imagem do Pai, sublinhada na oração fundamental de Jesus - insiste Ratzinger -, permanece a mais adequada para exprimir “a alteridade entre Criador e criatura, a soberania do seu ato criativo”. E Ratzinger conclui secamente: “Nós rezamos assim como Jesus nos ensinou a rezar, não como nos vem à mente ou como gostamos. Somente assim rezamos de maneira correta”.

“Contradigam-me”, pede o Papa.

Este livro, prevê o Ratzinger na introdução, “não é um ato magisterial”. Mais. “Cada um está livre de me contradizer”. Será difícil. Porque a impostação de Ratzinger elimina os grandes problemas da pesquisa teológica do século XX assim como se tiram os restos da

mesa de um banquete. O que significa, exatamente, que Jesus é “filho” de Deus? Como cresceu na sua vocação? Houve uma maturação da sua autoconsciência? Por que acreditava, como outros profetas, que a vinda do Reino seria iminente e que ele mesmo “voltaria” logo? Significa algo ou não que Jesus nunca se apresentou como Deus?

Teologia como serva da doutrina

Sobre estas questões, gerações de teólogos se debruçaram e ainda continuam pesquisando para construir uma ponte entre o Jesus histórico e o Salvador da doutrina cristã. O evangelho de Ratzinger, pelo contrário, tudo aquela e coloca tudo em *stand by*, partindo da premissa que Jesus é igual a Deus e basta, e que a sua figura somente pode ser compreendida “a partir do mistério de Deus”.

Um pontífice poderia dizer algo diferente?

Provavelmente não. Mas o Jesus papal equivale ao fim da pesquisa teológica como busca o método histórico-crítico. Das páginas do livro emerge o desejo de uma teologia serva da doutrina, uma teologia que explique e não coloque à prova os fundamentos teóricos herdados do passado. Aliás, numa passagem do livro se recorda que em Soloviev o Anti-Cristo possui uma láurea honoris causa da Universidade de Tübingen (onde, aliás, vive o teólogo crítico Hans Küng).

Mais. Começando o volume pelo batismo no Jordão, Ratzinger consegue evitar as perguntas difíceis (já levantadas por ele em outros momentos) sobre a paternidade de Jesus, sobre sua família real, sobre os seus irmãos citados no Evangelho.

“Nem rebelde, nem liberal”, nem líder político nem mestre de moral, é o Jesus que Bento XVI apresenta e acompanha desde o encontro com o Batista até a Transfiguração, citando de Nietzsche a Marx, de Gandhi a Edith Stein, São Francisco e Teresa de Lisieux. (Um segundo volume deverá tratar da Transfiguração até a Paixão). Jesus, afirma o autor, “nos trouxe Deus: agora

conhecemos o seu rosto, agora podemos invocá-lo”. E somente quem conhece Deus, acrescenta, conhece verdadeiramente o homem. No fundo, Ratzinger se revela como um grande pregador. Intensas são as ilustrações do Discurso da Montanha, da parábola do Samaritano, das invocações contidas no Pai Nossa. O Papa prega um cristianismo exigente, onde o Eu deve saber buscar Deus, purificar-se e saber fazer-se “próximo” ao Outro. “A lei de Cristo - afirma - é a liberdade”. Mas não para viver segundo o seu modo, mas “liberdade para o bem, liberdade que se deixa guiar pelo Espírito Santo”.

Ele critica os cristãos que querem fugir da “cruz” e consideram a bondade de Deus “água açucarada”. Rejeita a ideologia do bem-estar e o individualismo que dita a moral por si e para si, mas também as interpretações políticas da mensagem de Cristo: “O Discurso da Montanha não é um programa social - adverte - mas somente quando da fé deriva a força da renúncia e da responsabilidade para o próximo como para a inteira sociedade, pode crescer também a justiça social”. A Igreja, sublinha, “não deve perder a consciência de dever ser reconhecida como a comunidade dos pobres de Deus”. Os aflitos, exaltados por Cristo, lhe fazem recordar as agruras dos regimes totalitários e o “modo brutal com que esses abusaram, escravizaram e pisaram” os homens, mas também os abusos do poder econômico e a “crueldade do capitalismo que degrada o homem a uma mercadoria”.

A época contemporânea é vivida por Ratzinger com alarme. Declara-se que Deus morreu, e se pode fazer com que a fé apareça como algo ridículo. “Há uma poluição mundial do clima espiritual que ameaça a humanidade na sua dignidade, até mesmo na sua existência”. Há um “laicismo” que quer o Estado no lugar de Deus. Pior: “Quando o homem perde de vista a Deus, a violência toma o lugar com formas de crueldade antes inimagináveis”. E defende a família: “Para a Igreja

nascente e sucessiva foi fundamental defender a família como coração do ordenamento social. Vemos como hoje a luta da Igreja se centrou neste ponto”.

Central no *Jesus* de Ratzinger é a relação com o hebraísmo. O papa rejeita qualquer visão que isole, superficialmente, a Velha aliança em nome da Nova. E se confronta com as teses do rabino contemporâneo Neusner, que estudou a fundo e com seriedade a Cristo. Para Ratzinger, a resolução do nó misterioso, que torna o Hebraísmo e o Cristianismo próximos e separados, se encontra na Torah, no qual se diz que Israel tem a missão de se tornar “luz dos povos”, para que se manifeste que “o Deus de Israel, o mesmo e único Deus (dos hebreus e dos cristãos), o verdadeiro Deus” deve ser o Deus de todos os povos e de todos os homens. E é nesta missão universal que o Cristo cumpre a Lei de Moisés.

Existe salvação para quem não conhece a Cristo? Sim, para aqueles que “tem fome e sede de justiça” e estão

prontos interiormente para se encaminharem para a verdade: “esta é uma estrada aberta a todos, o caminho que leva a Jesus Cristo”. Não, no entanto, à idéia que equipara todas as religiões. Porque, no fim, somente Cristo é o Redentor, aquele que “restaura”. No fim da sua existência Joseph Ratzinger repete apaixonado com João: “Ninguém nunca viu Deus: mas o Filho unigênito, que está no seio do Pai, o revelou para nós”. E todos os mitos, que falam de uma divindade que morre e ressurge - prorrompe o pontífice teólogo - no final esperavam a Ele: “O desejo se tornou realidade”.

Assim, o círculo se fecha. Trata-se de um discurso seguro, que dá segurança e que agradará aos fiéis em busca de uma identidade mais confortável. No fundo, papa Wojtyla com aquelas questões sobre o *mea culpa* e a oração com outras religiões suscitava inquietações parecidas.

O anti Código da Vinci de Bento XVI

O papa Bento XVI, que celebra, nesta segunda-feira, 80 anos de vida, e que três dias depois comemora o segundo ano da sua eleição ao pontificado, coloca à venda, primeiramente na Itália, na Alemanha e na Polônia, uma obra de 450 páginas, intitulada Jesus de Nazaré. O autor se assina como “Joseph Ratzinger - Bento XVI”. Pelo menos vinte contratos e traduções já foram assinadas até na Rússia, Coréia do Sul e Japão. Sem esperar o paraíso das 30 milhões de leitores do Código Da Vinci, de Dan Brown, os sonhos mais loucos de difusão agitam alguns espíritos romanos. A reportagem é de Henri Tincq, conceituado vaticanista do jornal Le Monde, 15-04-2007.

Trata-se de uma novidade sob vários pontos de vista. Nunca um papa reinante publicara uma obra que ele qualifica como “pesquisa pessoal”, isto é, não revestida autoridade do seu magistério. No prefácio, ele mesmo afirmar que “cada um está livre para o contestar”.

Trata-se do fruto de um “longo caminho interior” que, para ele, “começou nos anos 1930 e 1940”. Joseph Ratzinger começou a sua redação em 2003 e a prosseguiu após a sua eleição em abril de 2005, empregando “todo o seu tempo livre” para concluir-lo. Este primeiro volume vai do batismo de Jesus nas águas do Jordão até a Transfiguração.

Joseph Ratzinger-Bento XVI se detém no enigma “Jesus” que apaixona desde muito os crentes e não-crentes. Até a Reforma do século XVI, os cristãos creram em Jesus de olhos fechados. Mas a Ilustração, a ciência, a pesquisa histórica e arqueológica fizeram nascer novas exigências quanto à autenticidade dos Evangelhos escritos, décadas depois de Jesus, por meio de autores que não eram historiadores, mas militantes da nova fé. O cristão não deseja mais crer, sem reagir, à divindade do Cristo, à Ressurreição, a virgindade de Maria.

A exegese “histórico-crítica”, na qual sobressaem os nomes de Ernest Renan (1823-1892), Alfred Loisy (1857-1940) ou Rudolf Bultmann (1884-1976) entre os protestantes, “desmitologizou” as Escrituras. Ela sacudiu

a relação do crente com a sua fé, com a Igreja, com a autoridade da sua palavra e do seu dogma. O “desencantamento do mundo” estava em marcha. Foi preciso esperar o Concílio Vaticano II (1962-1965) para que a Igreja reconhecesse o resultado desta pesquisa “modernista” que ela tinha veementemente condenada.

A obra de Bento XVI se insere na nostalgia do jovem crente lendo autores (Daniel-Rops, Romano Guardini são citados) que não separavam ainda o “Jesus histórico” do “Cristo da fé”. Mas ele não quer voltar para trás e não quer fazer as contas com a “exegese moderna”. Ele quer reconciliar a história e a fé: “O Jesus dos Evangelhos é uma figura historicamente sensata e convincente. Ela é mais lógica e compreensível do que as reconstruções que nos foram oferecidas nos anos recentes. A crucifixão não se pode explicar porque ela é verdadeiramente produto de algo extraordinário, porque a figura e as palavras de Jesus ultrapassam radicalmente todas as esperanças da época”, escreve Bento XVI.

Ato de fé na série histórica dos Evangelhos, este livro é também uma resposta às obras de divulgação, cada vez mais numerosas que, partindo dos Manuscritos do Mar Morto, de um Evangelho apócrifo de Judas ou de uma outra descoberta, somente se atém à humanidade de Jesus e duvidam da sua “divindade”, que teria sido uma

invenção da Igreja nascente. Isso seria o sintoma de uma sociedade pós-cristã que, para o autor, é o desafio intelectual do nosso tempo. A partir do momento em que Jesus “humanizado” é separado do dogma divino, todas as ficções se tornam possíveis, todas as crenças flutuam. O caminho está aberto para o ceticismo geral, para o *zapping religioso*, para os sincretismos e para as espiritualidades desencarnadas.

Portanto, a guerra está declarada contra as interpretações falaciosas ou fantasiosas da vida de Jesus, o qual Dan Brown, no seu livro *Código Da Vinci*, que não é citado, casa com Maria Madalena e transforma num pai de família. Como a todos os “livros destruidores da figura de Jesus e da fé, repletos de supostos resultados da exegese”. Uma guerra contra todos os que fazem de Jesus não somente “um amante secreto”, mas também um “revolucionário” ou um “mito reformador”, como explicava, no dia 13 de abril, em Roma, o cardeal Schönborn, de Viena.

Pois o autor recusa também as interpretações mais sérias, nunca citadas, mas igualmente “erradas”: aquelas dos “teólogos da libertação” acusadas de “reduzir” Jesus à dimensão de um militante político (Jon Sobrino, jesuíta

de El Salvador, acaba de ser condenado pelo Vaticano); ou a leitura dos teólogos psicanalistas como alemão Eugen Drewermann, propondo terapias a partir dos Evangelhos; ou as interpretações culturais de teólogos asiáticos condenados por sincretismo com as tradições orientais. Na França, recordemos o sucesso de *Jésus* de Duquesne ou o programa *Corpus Christi*, de Prieur e Mordillat, secamente acolhidas pela hierarquia católica.

“Jesus não é um mito. É um homem de carne e osso, uma presença inteiramente real na história (...) Ele morreu e ressuscitou dentre os mortos”. Repleto de citações de Marx, Nietzsche, Heidegger, Sócrates, Confúcio, Dante, este livro de Bento XVI quer ser uma advertência para a humanidade: “Nós declaramos que Deus morreu, assim nós nos tornamos Deus! E os homens não são mais propriedade de um outro, mas os únicos patrões deles mesmos e os proprietários do mundo”. Mas “lá onde Deus é considerado como uma quantidade negligenciável que se pode descartar em nome de coisas mais importantes, então estas coisas pretensamente mais importantes se esvaziam”, conclui. “A experiência negativa do marxismo não é a única que nos demonstra isso”.

Filme da Semana

TODOS OS FILMES COMENTADOS NESTA EDITORIA JÁ FORAM VISTOS POR ALGUM (A) COLEGA DO IHU

Ficha técnica

Nome: *Ventos da liberdade*

Nome original: The wind that shakes the barley

Cor filmagem: Colorida

Origem: Inglaterra

Ano produção: 2006

Gênero: Drama

Classificação: 12 anos

Direção: Ken Loach

Elenco: Cillian Murphy, Liam Cunningham, Padraic Delaney, Orla Fitzgerald

Luiz Carlos Merten, em artigo publicado no jornal O Estado de S. Paulo, 13-04-2007, com o título “A Palma de Loach”, comenta o filme “The windthat shakes the barley” (Ventos da liberdade), de Ken Loach. A IHU On-Line viu o filme e o escolheu, sem titubear, como o Filme da Semana e, certamente, como um dos grandes filmes do ano.

Num encontro social de realizadores com os júris do Festival de Cannes do ano passado, Ken Loach estava mais interessado em falar com o repórter do Estado sobre a crise do mensalão do que sobre seu filme “The wind that shakes the barley”, que agora estréia no Brasil, quase um ano depois, com o título de *Ventos da liberdade*. Em dois ou três festivais anteriores (Berlim e Cannes), Loach já estava interessado no Brasil de Luiz Inácio Lula da Silva. Para um autor com seu perfil de esquerda, o Brasil virara um laboratório a ser examinado com toda atenção. Em maio do ano passado, a preocupação era mais que justificada. Loach queria saber se Lula ainda tinha base popular e se a crise não era forjada pela imprensa ‘burguesa’. Mas ele estava feliz com a acolhida a *Ventos da liberdade*.

Foi o primeiro filme da competição, exibido na primeira sessão para a imprensa. No fim, *Ventos da liberdade* ganhou a Palma de Ouro que Loach vinha perseguindo havia anos. “Foi um filme que ficou conosco e ao qual voltávamos sempre, não apenas por sua alta qualidade como cinema, mas pelo grau de comprometimento social e político”, justificou o presidente do júri, Wong Kar-wai²³, autor do visceral *Felizes juntos* e dos elegantes *Amor à flor da pele* e *2046*, filmes que, aparentemente, não têm nada a ver com a estética engajada de Loach. *Ventos da liberdade* foi o filme que Loach quis fazer durante dez anos. Situa-se na Irlanda, nos anos 1920. Em 1990, ele já havia lançado uma verdadeira bomba na Croisette, ao

²³ Wong Kar-Wai: cineasta chinês, diretor de *My blueberry nights* (2007) e *Happy together* (1997). (Nota da IHU On-Line)

apresentar *Agenda secreta*, sobre as mirabolantes atividades dos serviços secretos britânicos na Irlanda do Norte. O alvo de Agenda Secreta era o thatcherismo - Loach, como Stephen Frears, via na Dama de Ferro, a conservadora Margaret Thatcher, uma inimiga da liberdade disfarçada de heroína da economia de mercado. O objetivo, agora, é outro. Loach, por linhas tortas, quer falar sobre Tony Blair, que também já recebeu uma sutil farpa de Stephen Frears em *A Rainha*²⁴.

Lembram-se? Ao salvar a monarquia britânica, Blair, no filme de Frears, goza de uma popularidade excepcional, mas a rainha (Helen Mirren) lhe diz que se prepare para o gosto amargo da rejeição do público, que veio agora, e por outro motivo. A crítica, tanto de Loach quanto de Frears, vale destacar, é ao poder, mais do que a conservadores ou trabalhistas. *Ventos da liberdade* conta a história deste jovem, Damien, que integra uma brigada de combate aos ocupantes britânicos. É interpretado por Cillian Murphy, ator que também está presente em outra estréia desta semana nos cinemas brasileiros, *Sunshine - Alerta solar*, de Danny Boyle. Como toda guerra, a da Irlanda foi marcada por todo tipo de atrocidades. Uma guerra fratricida, que terminou por lançar irmão contra irmão. Após a violência dos combates, que tipo de diálogo é possível desenvolver com os opressores? Como e o que negociar.

Ken Loach repetiu diversas vezes em Cannes que não quis fazer um filme antibritânico e sim, um filme crítico ao imperialismo de Sua Majestade. Como ele disse, “se discutirmos os erros da administração que gerenciou aquela crise no passado, talvez possamos discutir,

também, os erros da atual, no gerenciamento desta outra crise”. E dê-lhe pancada no premier Tony Blair, o trabalhista que salvou a monarquia em nome da preservação das instituições e, mais recentemente, provocou polêmica ao se alinhar ao presidente George W. Bush, na questão do Iraque. O último ano não melhorou nada a situação na região e Blair enfrentou há pouco a crise dos britânicos presos no Iraque - e que admitiram, depois, estar em missão de espionagem. “A luta de um país pela liberdade se tornou um tema recorrente nas telas”, explicou o veterano Loach, 71 anos de idade e 39 de carreira no cinema, iniciada por *A lágrima secreta* (Poor Cow), em 1968. “É sempre oportuno tratar do assunto porque volta e meia exércitos de ocupação estão se instalando nos mais variados países, sob os mais variados pretextos, e provocam a reação das populações.” Em maio de 2006, ele foi incisivo - “Não preciso dizer em que lugar a Grã-Bretanha tem hoje, e ilegalmente, um exército de ocupação.”

Para Loach, a guerra da Irlanda do Norte, que originou filmes como *O delator*, de John Ford, e *A filha de Ryan*, de David Lean, é um assunto que ainda não está resolvido no imaginário coletivo dos britânicos. Como disse o ator Cillian Murphy, “este não é apenas mais um filme. Acho que as famílias de todos os envolvidos na produção e na realização tinham laços com essa história. Todos nós temos um avô, ou bisavô, que lutou ou foi morto na Irlanda”. E Loach acrescentou: “As autoridades, em qualquer época, sempre tentaram nos fazer crer que o assunto é indesejado, mas eu acho que é uma história excepcional, que nos permite tirar conclusões sobre outras guerras de ocupação”. Esse mesmo mal-entendido, ou má-fé, costuma ser aplicado(a) a seu cinema. “Porque fico falando de revolução e utopia, também querem, muita gente, fazer crer que é um cinema anacrônico, principalmente neste mundo globalizado em que vivemos”. Bem mais tarde, ao

²⁴ A Rainha: Confira a relação entre os filmes *Borat*, *Babel*, *A rainha* e *Pequena Miss Sunshine* estabelecida pelo psicanalista Alfredo Jerusalinsky em entrevista exclusiva para o sítio do IHU, nas *Notícias Diárias* em 09-03-2007. (Nota da IHU On-Line)

agradecer pela Palma de Ouro, Loach falou de sua felicidade de estar recebendo o prêmio mais importante da maior festa de cinema do mundo. “Espero que nosso filme seja um pequeno passo no sentido de levar os britânicos a acertar contas com seu passado imperialista. Se nós ousaremos encarar a verdade sobre o passado, talvez tenhamos a força de encarar a verdade também sobre o presente.”

Preste Atenção...

... na forma como o diretor Loach e seu roteirista Paul Laverty chegam ao coletivo por meio do individual e ao público por meio do privado. É uma história de camaradagem e heroísmo contra um fundo de guerra. Dois irmãos lutam lado a lado e, no final, estão em campos opostos. É simples e, ao mesmo tempo, terrivelmente complexo.

... na violência do filme, maior que a habitual no cinema de Ken Loach. Como disse o roteirista Laverty, a opção do diretor foi clara - “Ken não quis mostrar a violência de forma romantizada. Quis mostrar como ela afeta a psicologia dos personagens. Não houve como fugir a uma

descrição realista e brutal.”

... na forma como o diretor, fiel a seu método de trabalho, usa atores profissionais e não profissionais em cenas de grande intensidade. Quando ele tem dois profissionais em cena, como no confronto final entre os irmãos, um ator tinha o texto escrito e outro improvisava sobre suas falas. Loach filmou duas versões da cena, com improvisação de cada um deles. Na montagem, escolheu a que lhe pareceu melhor.

... no papel das mulheres na história. Elas dão todo apoio e sustentação aos homens, mas quando eles chegam ao poder apenas substituem os oponentes britânicos e elas continuam marginalizadas. Loach diz que teria de fazer um filme só sobre essas mulheres, heroínas anônimas.

...no ambiente. A vila de Cork, onde Cillian Murphy nasceu e parte da produção foi rodada, é cheia de histórias de famílias enlutadas pela guerra. Os figurantes reviviam histórias ancestrais de família e isso aumenta a potência dramática.

Análise de Conjuntura

A página do IHU - www.unisinos.br/ihu - publica diariamente, durante os sete dias da semana, as Notícias Diárias e a Entrevista do dia.

É um serviço disponibilizado para quem se interessa em acompanhar os principais fatos e acontecimentos políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais e religiosos da contemporaneidade.

A partir desse serviço, o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, parceiro estratégico do IHU, elabora uma análise da conjuntura, em fina sintonia com a missão e as linhas estratégicas do IHU, elaborados no Gênesis, Missão e Rotas, disponível na página do Instituto.

A última análise é do dia 05-04-2007 e pode ser acessada no endereço www.unisinos.br/ihu

A próxima análise estará disponível no final da tarde de terça-feira e será comunicada na newsletter enviada aos cadastrados na quarta-feira.

Para se cadastrar na página do IHU clique no item IHU por e-mail

Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaque nas Notícias Diárias do sítio do IHU.
Apresentamos um resumo dos destaques que podem ser conferidos, na íntegra, na data correspondente.

ENTREVISTAS EXCLUSIVAS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

'Tendências recentes das relações de emprego no Brasil'

José Dari Krein

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 9-04-2007

José Dari Krein, no início do mês passado, defendeu a sua tese intitulada “*Tendências Recentes das Relações de Emprego no Brasil 1990-2005*”. Na entrevista concedida com exclusividade ao site do IHU, o pesquisador avalia as mutações pelas quais o mundo do trabalho vem passando recentemente.

'A transposição do Rio São Francisco é um absurdo, é um contra-senso que depõe contra inteligência do povo brasileiro'

Dom Luiz Flávio Cappio

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 10-04-2007

Dom Luiz Flávio Cappio analisa os diversos sentidos da transposição do Rio São Francisco, bem como o descumprimento do governo em sua promessa de não iniciar as obras.

Livro trata das vítimas ocultas da violência

Gláucio Soares

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 10-04-2007

As vítimas ocultas da violência urbana no Rio de Janeiro (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira) é o título do livro que o doutor em sociologia Gláucio Ary Dillon Soares organizou, junto com Dayse Miranda e Doriam Borges. O livro traz as entrevistas feitas com amigos e parentes de pessoas que foram vítimas de algum tipo de morte violenta.

'Este é nosso papel: apressar a roda da história'

Vito Giannotti

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 11-04-2007

Entrevista com o italiano radicado no Brasil Vito Giannotti sobre o livro *Histórias das lutas dos trabalhadores no Brasil* (Editora Mauad, 2007). No livro, Vito relata sua grande paixão pela classe trabalhadora e oferece uma visão panorâmica da história da classe operária brasileira.

Crise no setor calçadista brasileiro

Ênio Erni Klein

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 12-04-2007

Para falar da crise no setor calçadista, entrevistamos o diretor executivo e consultor de inteligência comercial da Abicalçados Ênio Erni Klein.

Interpretações do Brasil: o impacto da escravidão

Entrevista com Mario Maestri

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 13-04-2007

Mario Maestri debate a escravidão brasileira através das obras de Robert Conrad e Alexandre Merchant, além das relações econômicas da época.

Transposição do Rio S. Francisco: 'Vai usar a água quem estiver mais organizado'.

Entrevista com Pedro Costa Vianna

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 13-04-2007

Pedro Vianna opina sobre a transposição do Rio São Francisco e as várias implicações dessa obra em termos técnicos e políticos.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM REPRODUZIDOS NAS NOTÍCIAS DIÁRIAS DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

'Portugal está longe. A relação com a Austrália é vital'

José Ramos-Horta

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 9-04-2007

José Ramos Horta, Nobel da Paz em 1996, e Francisco Guterres, 53, candidato da *Fretolin* (Frente Revolucionária de Timor Leste Independente) são os principais candidatos na disputa para ganhar as eleições no Timor. Candidato favorito da imprensa internacional, José Ramos-Horta concedeu entrevista para o jornal português *O Público*.

'Quero dar a minha contribuição'

Francisco Guterres 'Lu-Olo'

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 9-04-2007

Francisco Guterres, 53, conhecido como Lu-Olo, é o candidato da *Fretolin* (Frente Revolucionária de Timor Leste Independente). Segundo a imprensa internacional Francisco Guterres disputa com José Ramos-Horta a preferência do eleitorado para a presidência do Timor.

'Os bens da natureza são para sustentar a vida humana e não para satisfazer os cofres das empresas'

Osvaldo Canziani

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 10-04-2007

Vice-presidente do Grupo de Trabalho 2 do IPCC - *Grupo sobre Vulnerabilidade, Impactos e Adaptação às Mudanças Climáticas* -, o climatologista argentino Osvaldo Canziani falou sobre o tema do etanol, refuga uma análise com o argumento de que é uma pergunta com um componente político sobre o qual não pode opinar como cientista, porém acaba dando a sua opinião sobre o tema e afirma que o etanol é insustentável ambientalmente.

O migrante e os usineiros

Ricardo Antunes

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 12-04-2007

"O lulismo é expressão de um governo que fala para os pobres, vivencia as benesses do poder e garante a boa vida aos grandes capitais", escreve Ricardo Antunes, em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*.

'O crime organizado infiltrou-se nos partidos'

Entrevista com Helen Mack

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 13-04-2007

Helen Mack, ativista dos direitos humanos na Guatemala, em entrevista ao jornal *El País*, conversa sobre a situação do país e como funciona a relação entre a guerrilha e o exército.

O clima, a energia, a discussão que falta.

Artigo de Washington Novaes

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 13-04-2007

Novaes discorre sobre o relatório do Grupo de Trabalho II do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas em artigo publicado no jornal Estado de São Paulo.

Favorito nas eleições do Paraguai, bispo modera discurso e reúne apoios.

Entrevista com Fernando Lugo

Confira nas *Notícias Diárias* do dia 13-04-2007

Fernando Lugo, bispo católico, candidato à presidência do Paraguai, fala sobre a ditadura e sua influência nas eleições da América do Sul.

Frases da Semana

“Ana Júlia abre seu governo para Jader no Pará.

Governadora petista nomeia parentes e divide cargos no estado com o ex-governador e hoje deputado do PMDB” - manchete do jornal *O Globo*, 15-04-2007.

“Ah, é o papa que vem, é? Eu não sabia. Tenho 12 anos e vou aproveitar para pedir um dinheiro para ele. Para comprar cigarro” - menino de rua, deitado num dos cantos da Praça da Sé, ao ser informado que o Papa visitaria a cidade - *O Estado de S. Paulo*, 15-04-2007.

“Triste não é bem o país que precisa de heróis, mas o país cujos heróis do momento são um artilheiro que não consegue marcar gol há não sei quantos jogos e um latagão de catadura teutônica catapultado à fama pelo BBB (Biggest Bullshit Brazil)” - Sérgio Augusto, jornalista - *O Estado de S. Paulo*, 15-04-2007.

Tucanos esbaforidos

“Estamos aniquilados” - José Aníbal, deputado federal pelo PSDB-SP ao comentar as recentes pesquisas sobre a popularidade de Lula - *Folha de S. Paulo*, 13-04-2007.

“Sem a Presidência, sem a metade do PMDB que era deles, sem muita segurança no casamento com o DEM (ex-PFL) e sem os mensaleiros que pulam em qualquer ninho, os tucanos parecem um tanto esbaforidos. A cada pesquisa confirmando a popularidade de Lula, penas voam, bicos afinam” - Eliane Cantanhêde, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 15-04-2007.

Reeleição

“Consigo ver o interesse do PSDB (na reeleição e mandato de cinco anos): não havendo reeleição, seria possível Serra e Aécio Neves cederem a vez um ao outro.

Cinco anos daria para um agüentar, mas oito não. Para o PT, não vejo qual seria o interesse. Acho que é um balão de ensaio, só para tomar nosso tempo. Não há nada de substantivo, não é uma resposta a nenhum anseio concreto” - Fernando Limongi, cientista político - *Folha de S. Paulo*, 15-04-2007.

Vazio

“Só sinto um vazio, um grande vazio. Não acredito mais em nada” - Edna Ezequiel, mãe da adolescente Alana, vítima de bala perdida no mês passado ante o corpo do irmão Hélio José da Silva Ezequiel, 25 anos, assassinado durante a invasão de traficantes no Morro São João dos Macacos no Rio - *O Globo*, 14-04-2007.

La Marseillaise? Nunca a cantarei!

“Não me venham com La Marseillaise. Nunca a cantarei. Em seu nome foram feitas as guerras coloniais” - Boulahem Azahoum, porta-voz da Associação Divercité, muita ativa nos subúrbios de Lyon na França, comentando a proposta do candidato Nicolas Sarkozy e da socialista Ségolène Royal de cantar nas escolas o hino nacional - *El País*, 13-04-2007.

Enio Bacci

“A bandidagem vibra com isso” - Enio Bacci, ex-secretário da Segurança Pública ao se despedir do cargo, demitido pela governadora Yeda Crusius - PSDB - *Zero Hora*, 12-04-2007.

“No momento em que eu apontei o dedo para o combate ao tráfico de drogas, tive o apoio de todos, inclusive da governadora; apontei o dedo para o combate aos desmanches, tive o apoio da governadora. Imaginava que quando apontasse o dedo para uma ferida que

muitos têm medo de apontar, que é a corrupção dentro das forças e das corporações, eu tivesse o mesmo respaldo. Mas aí me faltou aquele respaldo necessário para enfrentar isso. Sozinho não se enfrenta isso. Aí me faltou respaldo. Por quê? Eu não sei..." - **Enio Bacci**, PDT, secretário da segurança do RS demitido pela governadora Yeda Crusius, PSDB - **Agência Carta Maior**, 12-04-2007.

"O Rio Grande do Sul tem tido governos incompetentes, que apenas arrecadam muitos impostos. Tenho grande temor pelo futuro do Rio Grande" - **Paulo Feijó**, vice-governador do RS, pelo ex-PFL - **Zero Hora**, 14-04-2007.

E depois de 2010?

"O nosso projeto não começa agora e não termina agora. O que vai acontecer com o Brasil a partir de 2010?" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - **Folha de S. Paulo**, 13-04-2007.

Jader Barbalho? Um injustiçado!

"Jader, por exemplo, é um injustiçado. Todo mundo sabe que foi um dos mais destacados parlamentares do PMDB autêntico, o quanto foi importante para a conquista da democracia" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - **O Estado de S. Paulo**, 13-04-2007.

"Foto com o Jader? Eu não!" - **Roberto Requião**, governador do Paraná pelo PMDB ao se negar a posar para fotografia ao lado de Jader Barbalho do PMDB do Pará - **Folha de S. Paulo**, 13-04-2007.

"Passei por momentos muito difíceis no primeiro mandato. Por isso sei, Romero, o que você passou. Meus adversários foram implacáveis, cruéis" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República, referindo-se a Romero Jucá - **O Estado de S. Paulo**, 13-04-2007.

Sarney segundo Lula

"Sarney me apóia desde a campanha de 2002. É o único ex-presidente que se comporta como ex-presidente" - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - **O Estado de S. Paulo**, 13-04-2007.

Socialismo ou morte

"Todo comandante de unidade em todos os níveis está obrigado a repetir desde a alma e levantar a bandeira com este lema: 'Pátria, socialismo ou morte', sem ambigüidades de nenhum tipo, sem complexos" - **Hugo Chávez**, presidente da Venezuela falando aos militares - **Folha de S. Paulo**, 13-04-2007.

Grenal

"Para o Inter, tudo é possível se contar com o apoio da torcida" - **Giovanni Luigi**, vice-presidente do Inter, tentando levantar o ânimo depois de saber da vitória do Nacional sobre o Vélez - **Zero Hora**, 13-04-2007.

"O Grêmio não é nenhuma equipe pequena do Interior. Não pode levar três gols aqui na Colômbia" - **Paulo Pelaipe**, diretor de futebol do Grêmio - **Zero Hora**, 13-04-2007.

"Assisti ao teipe da partida e não entendi a razão da queda de rendimento que tivemos. Temos de melhorar muito" - **Saja**, goleiro do Grêmio - **Zero Hora**, 13-04-2007.

"A dupla Gre-Nal disputa entre si a primazia do horror. Campanhas iguais e defeitos em escala industrial" - **Wianey Carlet**, jornalista - **Zero Hora**, 13-04-2007.

"Para mim, terminou o Gauchão. Não tenho mais nada que fazer neste campeonato. Com a desclassificação do Inter, o meu objetivo principal já foi atingido" - frase de um torcedor gremista reproduzida pelo jornalista Paulo

Sant'Ana - Zero Hora, 9-04-2007.

Lula e os empresários

“Hoje nós, todos nós, conseguimos uma harmonia, senão perfeita ainda, a melhor que eu vejo no Brasil desde que me conheço por gente. A economia cresce, as perspectivas são extraordinárias, as empresas crescem” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *O Estado de S. Paulo*, 10-04-2007.

“Certamente os empresários que têm acesso ao presidente são os poderosos, donos das maiores empresas que estão numa situação boa porque têm acesso a capital externo, tomam financiamento de fora a juro barato e fazem draw-back (importação de matérias-primas com isenção de imposto para posteriormente exportar o produto industrializado)” - **Roberto Giannetti da Fonseca**, diretor do Departamento de Relações Internacionais e de Comércio Exterior da Fiesp - *O Estado de S. Paulo*, 11-04-2007.

“O pessoal (das pequenas e médias, de setores onde a concorrência está acirrada, especialmente com importações subfaturadas da China) está morrendo

porque não agüenta mais a concorrência dos importados e a exportação está onerosa” - **Roberto Giannetti da Fonseca**, diretor do Departamento de Relações Internacionais e de Comércio Exterior da Fiesp - *O Estado de S. Paulo*, 11-04-2007.

“Ele(Lula) precisa entender que os empresários que o procuram são ilhas de excelência e não representam a média do empresariado brasileiro, que está sofrendo pra caramba” - **Roberto Giannetti da Fonseca**, diretor do Departamento de Relações Internacionais e de Comércio Exterior da Fiesp - *O Estado de S. Paulo*, 11-04-2007.

“A informação que o presidente (Lula) tem é viciada pelo puxa-saquismo. E o que eu posso fazer? Prefiro acreditar nos números do IBGE” - **Paulo Francini**, diretor do Departamento de Economia da Fiesp comentando declarações de Lula afirmando que os empresários estão indo muito bem - *O Estado de S. Paulo*, 12-04-2007.

Ratzinger e a transição

“Já dá para se ver que ele é um papa de pura transição. Por isso não possui projeto próprio de Igreja” - **Leonardo Boff**, teólogo - *Revista Fórum*, abril 2007.

Eventos

Agenda da semana

A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DOS EVENTOS PODE SER CONFERIDA NO SÍTIO DO IHU - WWW.UNISINOS.BR/IHU

Dia 19-4-2007

Filosofia e nanotecnologia(s)

Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza

IHU Idéias

Sala 1G119 - IHU - 17h30min às 19h

Nanotecnologia e filosofia

ENTREVISTA COM RICARDO TIMM DE SOUZA

A IHU On-Line conversou com o professor da PUC, atuando principalmente como professor dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia e Ciências Criminais e coordenador do escritório de Ética em Pesquisa da PRPPG/PUCRS, Ricardo Timm de Souza. Souza vai falar sobre Filosofia e nanotecnologia(s) no IHU Idéias desta quinta-feira, dia 19 de abril.

Na entrevista que segue, o professor diz que a função da filosofia não é apontar direções de desenvolvimento às ciências, “mas, no que diz respeito especificamente ao desenvolvimento acelerado de tecnologias sofisticadas, de alertar para a possibilidade e o perigo de que tais tecnologias se autonomizem”.

IHU On-Line - Quais são as principais limitações e possibilidades apontadas pela Filosofia às nanotecnologias?

Ricardo Timm de Souza - A função da filosofia não é apontar direções de desenvolvimento às ciências, mas, no que diz respeito especificamente ao desenvolvimento acelerado de tecnologias sofisticadas, de alertar para a possibilidade e o perigo de que tais tecnologias se autonomizem. Em outros termos: novas tecnologias, tecnociência, o desenvolvimento da própria ciência como tal, advêm, em princípio, da procura racional da solução de problemas que afligem a humanidade, o ecossistema etc. Quando isso não ocorre, temos ao menos duas

possibilidades: ou a racionalidade científica estatuiu-se em razão instrumental, no sentido da Escola de Frankfurt²⁵, e assumiu como sua, de certo modo, a tarefa de legitimação do *status quo*²⁶, referendando lógicas de

²⁵ A Escola de Frankfurt é nome dado a um grupo de filósofos e cientistas sociais de tendências marxistas que se encontram no final dos anos 1920. A Escola de Frankfurt se associa diretamente à chamada Teoria Crítica da Sociedade. Deve-se à Escola de Frankfurt a criação de conceitos como "indústria cultural" e "cultura de massa". (Nota da IHU On-Line)

²⁶ Emprega-se esta expressão, geralmente, para definir um mau estado de coisas, com o qual se está descontente mas que, por qualquer motivo, parece ser defendido por muita gente. Na generalidade das vezes em que é utilizada, a expressão aparece como

exploração e poder injusto, ou - o que, em certo sentido, é até pior - ainda não se descolou da idéia moderna de progresso que via no próprio desenvolvimento da razão o seu sentido mais profundo, num penoso processo de totalização suicida. Ora, as gravíssimas questões sociais e ecológicas que vivenciamos mundialmente nos provam que isso não é o caso: o sentido da técnica e da ciência só pode ser entendido contemporaneamente como tentativas de respostas responsáveis - “respostas-(ha)bilidades” - a essas questões.

IHU On-Line - Leonardo Boff disse que as nanotecnologias são um “tsunami tecnológico”. Como essas tecnologias podem alterar a concepção atual de ser humano? O ser humano está se reinventado a partir desse tipo de tecnologias?

Ricardo Timm de Souza - Vivemos ultimamente uma sucessão frenética de revoluções tecnológicas, mas eu concordo que a potência da “revolução nanotecnológica”, já em curso, deverá empalidecer até mesmo a “revolução informacional” ou a “revolução genética” ainda em curso, o que significa que, inevitavelmente, a questão do humano terá de ser profundamente reposta em novas bases e que, se não quiserem obsoletizar imediatamente, terão de ser bases éticas.

IHU On-Line - Com o advento das novas tecnologias recebemos um poder criador semelhante a Deus e já não há sequer ele como instância a que recorrer em busca da legitimidade do uso desse poder. Como essas idéias do filósofo alemão Marc Jongen²⁷ se aproximam do panorama já expresso no século XIX por Nietzsche?

"manter o *statu quo*", "defender o *statu quo*" ou, ao contrário, "mudar o *statu quo*".(Nota da IHU On-Line)

²⁷ **Marc Jongen:** filósofo alemão, professor de Filosofia na Staatliche Hochschule für Gestaltung, em Karlsruhe. Publicamos um artigo dele na edição 143 da IHU On-Line e uma entrevista na edição 200. (Nota da IHU On-Line)

De que forma podemos fundamentar eticamente o agir desse homem como experimento de si mesmo (Jongen), e que constrói sua vida como uma obra de arte (Nietzsche)?

Ricardo Timm de Souza - A compreensão da fundamentação ética do agir, neste início de século XXI, passa essencialmente por uma refundamentação da própria idéia de ética como fundamento da realidade, como tenho detalhado em meus escritos. Sem isso, estaremos vivendo e sofrendo as consequências de uma cruel desproporção entre os fatos que efetivamente ocorrem e uma tábua argumentativa ou axiológica elaborada em outros tempos e para outros mundos.

IHU On-Line - E quanto às populações que não têm acesso a tecnologias como a nano? Não ocorreria uma colonização tecnológica da humanidade com a concomitante objetificação da pessoa humana?

Ricardo Timm de Souza - A questão do super-desenvolvimento de determinadas tecnologias não está absolutamente descolada das grandes opções geopolíticas assumidas especialmente após a Segunda Guerra Mundial. Já existe tanto um vasto leque de modalidades de colonização tecnológica como uma evidente objetificação da pessoa humana que, para os desígnios macropolíticos hegemônicos determinados pelas atuais circunstâncias socioeconômicas globais, tem apenas valor enquanto cadeia no processo de produção e consumo de bens e mercadorias.

IHU On-Line - Como analisa o paradoxo de que a tecnologia confere, ao mesmo tempo, autonomia e aprisiona o homem a ela? Não estaríamos nos enredando cada vez mais numa sociedade niilista?

Ricardo Timm de Souza - A análise parte do próprio conceito de “homem”. O que é o humano, hoje? Quem é o humano que é aprisionado e quem é o humano autonomizado por efeito de novas tecnologias? Onde está

a singularidade da alteridade? Sem responder a esta questão, ainda não conseguimos, no meu entendimento, equacionar adequadamente os verdadeiros impactos da tecnologia na vida humana em termos verdadeiramente contemporâneos, o que pode nos impedir, inclusive, de aplicar adequadamente uma expressão como “niilismo” à trepidação socioecológica contemporânea. Pois vivemos, como disseram Kafka²⁸, Levinas e muitos outros, em uma era onde o ontem não mais nos apóia e o amanhã ainda balbucia.

IHU On-Line - Seriam as nanotecnologias o “pequeno irmão”, podendo controlar as pessoas e seus atos “de dentro”, ou há uma dose de exagero nessa idéia? Como fica a questão da autonomia do sujeito frente a essas inovações?

Ricardo Timm de Souza - Toda nova tecnologia, ao surgir, traz consigo uma boa dose de temor ante o desconhecido. Talvez no caso das nanotecnologias, este temor seja mais fundamentado do que em outros casos que conhecemos. Mas tudo dependerá da resposta que dermos à primeira questão, acima. Desta resposta - qual o sentido que se deve imprimir não apenas ao desenvolvimento nanotecnológico, mas da ciência e da tecnologia como tais - é que depende a possibilidade de transformação ou não de qualquer tecnologia em “pequeno irmão”.

IHU On-Line - O sociólogo alemão Ulrich Beck²⁹ fala que vivemos em uma sociedade do risco cimentada

²⁸ Franz Kafka (1883-1924): escritor checo, de língua alemã. De suas obras, destacamos: *A metamorfose* (1916), que narra o caso de um homem que acorda transformado num gigantesco inseto, e *O processo* (1925), cujo enredo conta a história de um certo Josef K., julgado e condenado por um crime que ele mesmo ignora. (Nota da IHU On-Line)

²⁹ Ulrich Beck: sociólogo alemão da Universidade de Munique. Autor de *A sociedade do risco*. Beck argumenta que a sociedade industrial criou muitos novos perigos de risco desconhecidos em épocas anteriores. Os riscos associados ao aquecimento global são um

pelas incertezas fabricadas, em grande medida, pelas rápidas mudanças tecnológicas. Qual é o papel das nanotecnologias dentro desse contexto?

Ricardo Timm de Souza - As nanotecnologias se inserem perfeitamente na lógica ampla, por exemplo, da sociedade de risco (Beck) e de aceleração (Virilio³⁰). Cumpre à lucidez de quem tem a responsabilidade de pensar a temática do *sentido do agir* assumir o ônus de denunciar a violência implícita ou explícita da contemporaneidade e de investigar alternativas à “língua geral da violência”, no dizer feliz do antropólogo Hélio R. S. Silva³¹. Nem a nanotecnologia nem a ciência ou tecnologia alguma são entidades semovente; não passam, em última análise, da expressão de opções e estratégias muito específicas de quem as pensa, conduz e determina. É destes que depende o que elas são agora e o que elas serão no futuro.

exemplo. O livro mais recente de Ulrich Beck é *Pouvoir et contre-pouvoir à l'ère de la mondialisation*. Paris: Aubier. 2003. Publicamos uma resenha do livro de Ulrich Beck, *Pouvoir et contre-pouvoir à l'ère de la mondialisation* (Poder e contra-poder na era da mundialização). Paris: Aubier, 2003, escrita por Christian Chavagneux, na *IHU On-Line* número 84, de 17 de novembro de 2003. (Nota da IHU On-Line)

³⁰ Paul Virilio: urbanista e filósofo francês, nascido em 1932. Estuda e critica efeitos perniciosos da velocidade nas relações sociais contemporâneas, desde os seus reflexos no processo cognitivo até suas implicações na política. É autor, entre outros, de *Guerra Pura*. São Paulo: Brasiliense, 1984; *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993; *A máquina de visão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994; *Velocidade e Política*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996; *A bomba informática*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999; e *Ville panique*. Paris: Galilée. 2004. Reproduzimos duas entrevistas com Virilio sobre o seu livro *Ville Panique* (Paris: Galilee, 2004), uma na 108^a edição da *IHU On-Line*, de 5 de julho de 2004, outra na 136^a edição, de 11 de abril de 2005. Dele, também publicamos outra entrevista na 95^a edição da *IHU On-Line*, de 5 de abril de 2004. (Nota da IHU On-Line)

³¹ Hélio R. S. Silva: é doutor em comunicação e cultura pela UFRJ, além de mestre em antropologia social pelo Museu Nacional. O autor se dedica à antropologia urbana, com foco nos grupos estigmatizados. (Nota da IHU On-Line)

Perfil Popular

Guiomar Marilia Bittencourt dos Santos

A nova editoria da revista IHU On-Line descreve o perfil popular de alguém que, mesmo não vivendo no mundo acadêmico, sempre tem o que ensinar. Contaremos aqui a história de vida e a visão de mundo de pessoas que lutam pela sobrevivência e pela dignidade e que, apesar das dificuldades, têm sonhos e anseios de uma vida melhor.

Oriunda das colônias de Cachoeira do Sul, Guiomar, a Dica, aprendeu desde cedo a lutar por uma vida melhor. Aos 11 anos, a família mudou-se para Novo Hamburgo em busca de trabalho. “Meu pai ficou doente e vendeu tudo que tinha e nos trouxe para a cidade na esperança de uma vida melhor.”

Dificuldades - De uma família de sete irmãos, Guiomar levava uma vida difícil no interior do estado. A família se dedicava a lavoura de arroz. O pai tomou a decisão da mudança devido a um problema de saúde. “Meu pai teve uma broncopneumonia e se assustou, pois os filhos eram todos pequenos.” Na família nunca faltou nada, mas a luta era constante. “Sempre tivemos muita sorte. Chegamos a Novo Hamburgo já com trabalho para os meus irmãos mais velhos em fábricas de calçados.”



Estudos - Em Novo Hamburgo, estudou em escolas municipais: Padre Reus e Maria Neves Petry. Cursou até a 6ª série, quando a trabalho se tornou necessário.

Trabalho - Aos 15 anos, Guiomar começou a trabalhar em uma fábrica de calçados. O pai trabalhava como pedreiro e a mãe cuidava dos filhos e da casa. Trabalhou

14 anos em duas fábricas de calçados do centro de Novo Hamburgo. “Na fábrica de calçados eu fazia serviços gerais, às vezes era chefe de seção, fazia de tudo um pouco. Eram as piores firmas que tinham. Não tratavam bem os funcionários, mas eu sempre me dei muito bem.”

Mudança - Guiomar conheceu o marido a caminho do trabalho. Casaram e vieram para São Leopoldo, onde

estão há vinte anos. Na nova cidade, eles foram morar na Vila Brás, comunidade carente do município. “Quando cheguei na Vila Brás, vi o sofrimento que as pessoas passavam com a falta de moradia. Comecei a me envolver com as lideranças comunitárias, onde estou até hoje.”

Luta - Há 20 anos, a recém-chegada família inscreveu-se nos programa de habitação do estado e foram sorteados. “Até hoje estamos na mesma casa.” Na Vila Brás, diante das dificuldades da comunidade, Guiomar logo se envolveu no trabalho comunitário. “Procurei a Associação de Moradores em razão das injustiças que vi quando cheguei à Vila Brás”. Guiomar conta que naquela época, aconteciam muitas invasões de terrenos da prefeitura que ficavam próximos à vila, resultando em confrontos com a polícia. “Comecei a defender essas pessoas. Participando da associação de moradores, negociamos aquela área com a prefeitura e ganhamos o dinheiro à moradia para aquelas pessoas.”

Associação de Moradores - A Vila Brás possui uma associação muita ativa, segundo Guiomar. Sempre em funcionamento, ela já conseguiu muitas melhorias para a comunidade. Guiomar se envolveu desde sua mudança para o local, e saiu recentemente em função de uma troca da diretoria. Hoje, participa como voluntária. “Através da associação de moradores podemos fazer mais coisas pela comunidade.”

Dia-a-dia - Mesmo fora da diretoria da associação, Guiomar não consegue ficar longe da sua comunidade. “Passo o dia socorrendo alguém, ajudando as pessoas, até procurando vagas para as crianças estudarem.”

Mulheres unidas - Guiomar não pára. Desenvolveu junto com mulheres da Vila Brás uma associação de mulheres, onde desenvolvem diversos trabalhos manuais

há um ano e meio. O trabalho começou quando, conversando com as mulheres da comunidade, Guiomar encontrou um problema em comum: a depressão. Logo a prefeitura de São Leopoldo, por intermédio da Coordenadoria da Mulher, entrou com o apoio ao projeto. “A representante da prefeitura, Elza, nos ensinou diversos trabalhos, como crochê, tricô, pintura. Começamos só com a idéia de nos encontrarmos e daí surgiu a idéia de trabalhar.” O projeto ainda conta com a assistência da Unisinos e da Avesol. Os planos da associação de mulheres são grandes. Até o final do ano, elas estarão expondo seus trabalhos em São Leopoldo e em quatro feiras de artesanatos da capital. “Temos o plano de aumentar nosso trabalho, fazer uma espécie de micro-empresa. Estamos cheias de idéias”.

Meio-ambiente - O meio-ambiente também tem vez na agenda agitada de Guiomar. Ela faz parte do projeto Agenda 21¹. “É um trabalho gestor para melhorias do meio-ambiente, em parceira com a Petrobras. Fizemos o encaminhamento do trabalho, colaborando com os agentes de pesquisa. O projeto já virou lei e se encontra em tramitação na câmara de vereadores.”

Família - A família logo cresceu. O casal teve três filhos. “Temos uma vida muito boa em família. Nos respeitamos muito.” Parei de trabalhar porque tínhamos muita dificuldade com o transporte para Novo Hamburgo.

Volta - Guiomar voltou a estudar depois de vinte e nove anos. “Resolvi fazer esse desafio comigo. Minha filha passou para o turno da noite e eu resolvi fazer o EJA. Fiz duas etapas e completei o ensino fundamental.”

¹ Agenda 21: é um processo e instrumento de planejamento participativo para o desenvolvimento sustentável e que tem como eixo central a sustentabilidade, compatibilizando a conservação ambiental, a justiça social e o crescimento econômico. O documento é resultado

O ensino médio ainda terá que esperar. Com a filha estudando, a família teria muito gasto com passagens. "Dou prioridade para ela."

Sonho - O maior sonho de Guiomar é com a sua comunidade: "Quero ver ela bem." Para ela, a carreira não deve ser prioridade na vida das pessoas. "Para a sociedade melhorar eu vou à luta."

Envolvimento - Guiomar pensa constantemente em como melhorar a comunidade. Já participou da conferência da habitação e da mulher, através do orçamento participativo do município. "Tinha a oportunidade de opinar na aprovação das leis." Para ela, esses são os primeiros passos dos movimentos para melhorar a cidade. Ela destaca esse tipo de trabalho como essencial para a situação melhorar. "Acho que todos temos que nos empenhar e nos ajudar para as coisas melhoraram. Não adianta ficarmos só esperando o governo resolver, porque muitas vezes só isso não basta. Os moradores têm que participar para melhorar a sua comunidade. Cada um deve contribuir um pouco."

Alegria - Guiomar se diverte como criança. Além de escutar música para relaxar, ela brinca muito com os

de uma vasta consulta à população brasileira, sendo construída a partir das diretrizes da Agenda 21 global. (Nota da *IHU On-Line*)

filhos, até anda de patinete. "Acho que brinco mais que eles. Às vezes eles dizem: 'Mãe tu parece criança'." Ela destaca a importância da infância da vida. "Nossa vila é muito grande, e temos que cuidar deles, para não irem para o lado errado."

Maior dificuldade - A saúde preocupa muito Guiomar. Ela sofre de hipertensão, condição que se agravou durante suas três gestações. "Quando estava grávida de minha segunda filha, a primeira tinha somente cinco anos e cuidava de mim, com aquela idade. Ela ficava sentada do meu lado, enquanto eu dormia. Às vezes, via ela trepada na cadeirinha lavando a louça."

Jovens - Os jovens estão sempre na mente de Guiomar. Com a violência do mundo, ela procura ter eles sempre por perto. "Sonho um dia ter na minha comunidade um centro de atendimento aos jovens. Se eu pudesse acolhia eles. Tenho muito contato com eles diariamente. No colégio onde eu estudei, eu era a mais velha, mas me divertia muito com eles."

Brasil - Guiomar é esperançosa quanto à situação do Brasil. "Acho que o país precisa melhorar muito. Falta honestidade a todos. Parece que o governo está perdido. Mas tenho esperança de que se pode melhorar. Aqui em São Leopoldo, já vimos mudanças e ainda precisamos melhorar".

IHU REPÓRTER**Jorge Geisler**

Jorge Geisler é uma pessoa motivada. Começou cedo a trabalhar, como vendedor de balas durante a infância em Bagé e como metalúrgico, aos 12 anos, em Porto Alegre. Começou na administração no Hospital Moinhos de Vento, onde conheceu sua esposa. Hoje, leciona nos cursos de Administração e Ciências Contábeis na Unisinos e é diretor da CADII (Centro de Atendimento e Desenvolvimento Integral do Indivíduo), onde ministra palestras motivacionais. Geisler é ainda autor de dois livros, Falando e Encantando seu Públco e Comunicação Motivacional - Mantenha o seu UAU! Alegre e com um sorriso contagiente, Jorge é um profissional admirável. Conheça um pouco mais deste professor na entrevista a seguir.

Origens - Nasci em Bagé, na fronteira do Brasil com o Uruguai, em uma família com sete filhos dos quais eu sou o caçula. Logo depois que eu nasci meu pai morreu. Minha mãe, por conta disso, enfrentou muitos desafios e nos ensinou lições de sobrevivência e autonomia desde muito cedo.

Infância - Como criança, achava tudo muito divertido. Eu e meus irmãos fazíamos do trabalho parte do nosso lazer. Com nove anos, vendia balas de coco no estádio de futebol da cidade, Estrela Dalva, da equipe do Guarani. Já nesta época gostava muito de vender, me comunicar e estar em contato com as pessoas. Aos 12 anos, meu irmão mais velho me trouxe para Porto Alegre. Fomos morar na Vila Floresta. Aos poucos, parte da família acabou vindo também. Eu comecei a trabalhar em uma metalúrgica. Lá eu fabricava uma peça chamada Graxeira. Na época, eu não me dava conta de quanto esta atividade era perigosa para uma criança e o quanto precocemente assumi responsabilidades de trabalhador e mantenedor. Ficava muito orgulhoso com o meu trabalho.

Estudos - Em Bagé, tive o privilégio de estudar em uma escola muito conceituada, o Colégio São Pedro. Era uma escola particular, e eu só podia freqüentá-la porque tinha bolsa de estudos. Em Porto Alegre, estudei na escola Liberato Salzano Vieira da Cunha, e fiz o Curso Técnico em Contabilidade no colégio Protásio Alves. Depois de concluir o ensino médio, trabalhava em uma empresa onde estava sendo promovido e senti a necessidade de fazer o curso superior de Administração. Durante o curso, fui descobrindo muitas outras possibilidades que a carreira de Administrador oportuniza. O curso ajudou a encontrar inspiração para o meu projeto de vida, do ponto de vista profissional, que foi criar uma empresa para trabalhar em Consultoria.

Administração hospitalar - Com 15 anos, fui trabalhar no hospital Moinhos de Vento, onde fiquei por sete anos. No hospital, comecei a trabalhar como *office-boy*. Passei para auxiliar do serviço de faturamento e depois fui promovido para chefe do setor. Saí de lá com 22 anos, e fui para o Hospital Mãe de Deus, onde fiquei nove anos. Ao final deste tempo, fui convidado para administrar um

hospital na grande Porto alegre. Era um grande sonho. Foi um período de muitas descobertas. Ampliei a consciência de muitas coisas. Eu achava que tinha as respostas para tudo na vida. Dei-me conta que eu tinha aprendido a mandar, mas as pessoas não tinham aprendido a me obedecer. Aprendi a lidar com questões políticas. Tempos depois, assumi a Administração do hospital Centenário, aqui de São Leopoldo.

Casamento - Sou casado há 25 anos com a Hilda, e temos dois filhos, Victor, de 20 anos, a Luísa, de 16 anos, e, mais recentemente, o Yzzi, um yorkshire veio fazer parte da nossa família. Moramos em Canoas.

Professor - Eu sempre quis ser professor, era uma coisa intuitiva. Nas próprias aulas da graduação, eu falava muito, gostava de discutir. Surgiu a oportunidade de eu lecionar no curso de Administração Hospitalar. Eu trabalhava como Assessor administrativo no Hospital Mãe de Deus, e a professora Nina Calegari me fez o convite. Assim, comecei a dar aulas aqui na Universidade. Para mim, a aula precisa ter paixão, algo muito além do conhecimento. O grande desafio de quem leciona é manter acesa, nos alunos, uma chama de curiosidade por descobertas. Cada vez que planejo as aulas, penso em detalhes que possam ser utilizados para trabalhar o conteúdo, no sentido de desenvolver alguma competência e que o aluno consiga, de fato, se beneficiar em seu cotidiano. Para mim, é importante tornar o aprendizado uma coisa prazerosa, enriquecedora e que extrapole os limites de sala de aula. Que seja importante aprender em qualquer circunstância.

Especialização - Depois da graduação eu fiz especialização em Cooperativismo. Tive professores maravilhosos, que me ensinaram muito. O Administrador, quando é muito jovem, tem uma tendência a pensar que tem respostas para tudo. O Cooperativismo me mostrou

que as coisas não são assim. Na minha turma de especialização, 50% era composta de pessoas do Movimento dos Sem-Terra (MST). E eu era empresário, com uma visão mais estreita em relação ao capital, lucro, a pessoas e resultados. Conviver com esse paradoxo foi bem desafiador. No entanto, aprendi na prática que o Administrador necessita exercitar flexibilidades, conviver, ouvir as pessoas e gerenciar diferenças para fazer alguma diferença.

Mudança - Administrar hospitais foi uma fase muito importante e de muito aprendizado, entretanto, a ânsia por mais desafios e outros resultados para minha vida fez com que eu colocasse em ação o projeto de criação da minha própria empresa. As pessoas já me procuravam para fazer palestras de motivação e ajudá-las com suas apresentações em público. Foram os próprios clientes que criaram a necessidade de me desenvolver mais nesta área. Fiz vários Cursos de Neurociência, formação em Neurolingüística (PNL) e grupos operativos, entre outros. Como resultado disso, também comecei a escrever. Publiquei meu primeiro livro, que se chama *Falando e encantando o seu público*, depois escrevi o segundo, *Mantenha seu UAU*, e assim continua sendo até hoje. Hoje estou pesquisando para um novo livro sobre o tema da liderança.

Cadii - A minha empresa (Centro de Atendimento e Desenvolvimento Integral do Indivíduo Ltda -- CADII) foi criada em 1992, como um projeto pessoal e como uma decorrência da demanda pelos meus serviços. À medida que a empresa cresceu, novos parceiros foram agregados para atender demandas por novos produtos. Hoje a empresa conta com mais nove consultores. Eles fazem palestras e cursos em suas áreas de conhecimento. Atualmente, o foco da empresa está voltado para a gestão e o desenvolvimento de pessoas e equipes através de cursos, palestras, seminários, workshops etc.

Ciências contábeis - Leciono uma disciplina específica para Contadores que se chama “Seminários”. Um colega de mestrado, Prof. Krause, professor do curso de Ciências Contábeis, com a consciência de que o contador tem uma formação que privilegia o racional, pragmático e o lógico, tinha um ideal de agregar a isso uma disciplina específica onde os alunos pudessem desenvolver a competência para comunicar, de forma mais compreensível, assuntos técnicos para leigos. Ele estruturou a disciplina e me fez o convite para lecionar, o que acontece até hoje. Uma grande satisfação, que me enche de orgulho, eu tive na Universidade: fui paraninfo da turma de Ciências Contábeis 2006/2.

Cinema - Meu lazer favorito é o cinema. Montei um *home theater* em casa. *Patch Adams - O amor é contagioso* é o meu filme preferido. *Sociedade dos poetas mortos* é um filme muito bom, bastante profundo e de grande inspiração.

Esporte/Lazer - Joguei tênis por muito tempo. Atualmente, faço caminhadas com regularidade e ando de bicicleta. Gosto de assistir aos jogos do Internacional. Especialmente porque também é uma oportunidade de conviver e ficar mais próximo do meu filho Victor, que é um coloradão.

Livro - Adoro ler, me enxergo muito nos livros. Um livro legal que li recentemente é *A última grande lição - o sentido da vida*, de Mitch Albom. É uma biografia, que ganhei do Denis, meu ex-aluno, e conta a história de um professor de filosofia que é entrevistado pelo seu ex-

aluno, jornalista, quando já estava no fim de sua vida. É um livro intenso e de profunda reflexão sobre o sentido da vida.

Autor - Vários. Moacyr Scliar, Veríssimo, Josué Guimarães e seu *Camilo Mortágua*, que é um livro muito bom. *O monge e o executivo*, de James Hunter, é um livro que considero inspirador.

Planos - Tenho plano de expandir a minha empresa. Queremos comprar uma sede e fazer do CADII uma empresa referencial em treinamento. É o desafio que vamos realizar. Acredito que o melhor sempre está por vir; sou um otimista convicto.

Sonho - Quero ser uma pessoa melhor sempre, cada vez mais. Ter mais tempo para conviver com as pessoas que eu amo, desfrutar com mais plenitude a vida.

Brasil - O Brasil é um lugar de oportunidades, um lugar de liberdades. Precisa encontrar um caminho que diminua as imensas desigualdades sociais.

Unisinos - É motivo de profundo orgulho, um sentimento muito íntimo, que é reforçado em todos os lugares aos quais eu vou. É uma Universidade diferenciada que desafia e estimula o crescimento permanentemente.

Instituto Humanitas Unisinos - É um espaço para refletir, realinhar, conviver e construir, num movimento do vir a ser.